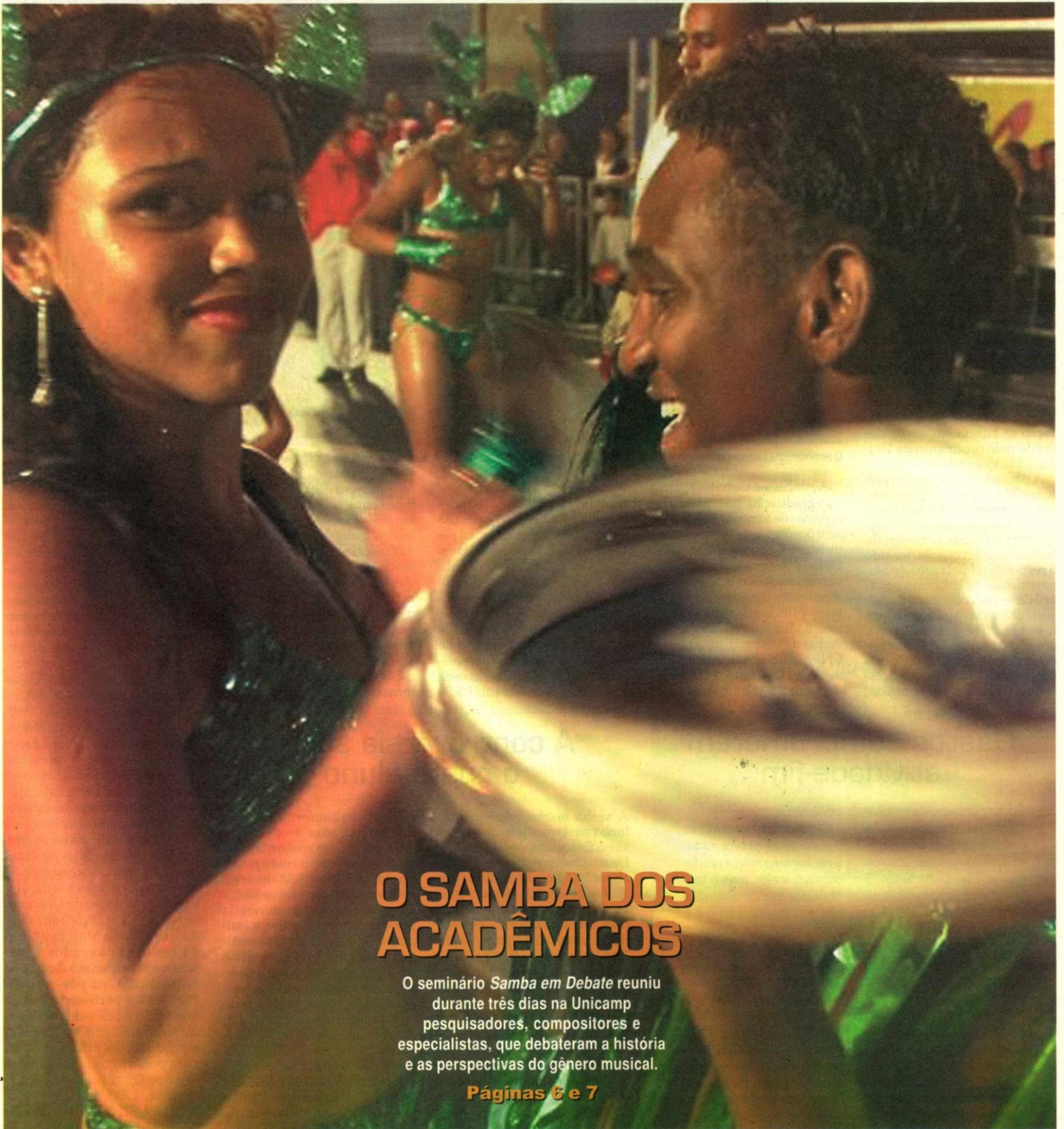


Jornal da Unicamp

Campinas, 4 a 10 novembro de 2002 – ANO XVII – Nº 197 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Uma luz para a indústria

Um amplo diagnóstico de 20 cadeias produtivas, coordenado pela Unicamp, será encaminhado ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, podendo pautar sua política para a recuperação da indústria e o aumento das exportações. **Páginas 8 e 9**



O SAMBA DOS ACADÊMICOS

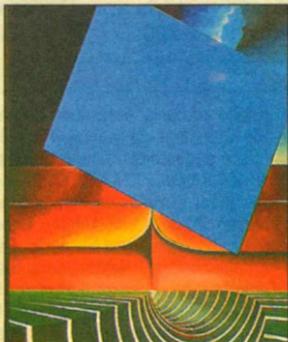
O seminário *Samba em Debate* reuniu durante três dias na Unicamp pesquisadores, compositores e especialistas, que debateram a história e as perspectivas do gênero musical.

Páginas 6 e 7

Dissertando ao piano

A pianista Adriana da Cunha Moreira analisa e interpreta "16 Poesilúdios", obra do compositor Almeida Prado, em tese defendida no Instituto de Artes.

Página 12



Os benefícios da autonomia

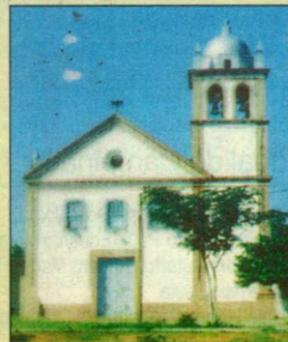
Estudo do economista Leonardo Velasco Rondon revela que a autonomia foi fundamental para a expansão das universidades estaduais paulistas

Página 2

A pesquisa e a alta do dólar

O diretor científico da Fapesp, José Fernando Perez, detalha as medidas adotadas pela agência de fomento para enfrentar as variações cambiais.

Página 3



Velhas tribos, nova história

A professora Nanci de Oliveira descobre sítios arqueológicos de populações indígenas e muda a história do município fluminense de Itaboraí.

Página 5

Estudo revela que decreto de 1988 contribuiu para a expansão das universidades estaduais paulistas

Os frutos da autonomia

ROBERTO COSTA
rcosta@unicamp.br

"A autonomia das universidades estaduais paulistas foi importante para garantir que não se repetisse aqui o que aconteceu nas federais, que têm sofrido um processo de sucateamento desde meados da década passada". A avaliação é do economista Leonardo Velasco Rondon em sua dissertação de mestrado defendida junto ao Instituto de Economia da Unicamp. Rondon se debruçou nos últimos dois anos sobre anuários das universidades paulistas e indicadores do Ministério da Educação para conhecer como ocorre o financiamento do ensino superior no Brasil, tendo como base a experiência da Unicamp. O economista constatou, por exemplo, que entre 1995 e 1998, o orçamento da Unicamp cresceu 35%, enquanto nas federais o aumento foi de apenas 7,7%.

Desempenho semelhante se deu na USP e na Universidade Estadual Paulista (Unesp), que a partir de 1989 passaram a ter seu orçamento baseado na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do Estado, por meio da autonomia universitária. Nas universidades federais, ao contrário, aconteceu um achatamento, já que a dotação se baseia em verba definida pelo orçamento da União, cada vez mais escassa.

A tarefa de Velasco foi em parte facilitada por algumas situações temporais. Uma delas o fato de seu orientador, o professor Mário Ferreira Presser, do Instituto de Economia, ter sido o responsável pela área de planejamento da Unicamp até abril deste ano. Na banca de dissertação estava ainda o professor Hélio Nogueira da Cruz, atual vice-reitor da Universidade de São Paulo (USP), que coordenou o planejamento estratégico na gestão anterior.



Foto: Neldo Cantanti

O economista Leonardo Velasco Rondon: dados obtidos em anuários das universidades estaduais paulistas e no Ministério da Educação

A concessão de bolsas para a pós-graduação por parte das agências de fomento federais, de acordo com o levantamento, foi o setor mais afetado. Como as universidades federais possuem nesta fonte um de seus principais recursos, a diminuição das verbas da Capes, Finep e CNPq acabou prejudicando o setor. Na Unicamp, a Capes reduziu de R\$ 19 milhões para R\$

Cortes afetam concessão de bolsas para a pós

14 milhões seus financiamentos entre 1997 e 1999. No CNPq eles caíram de R\$ 29 milhões para R\$ 19 milhões em igual período. Já no caso das estaduais paulistas, a diminuição de bolsas foi recompensada pelo aumento significativo recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do

Estado de São Paulo (Fapesp). Só na Unicamp a financiadora paulista investiu R\$ 34

milhões em 1997, R\$ 46 milhões em 1998 e R\$ 77 milhões em 1999. Embora parte desse dinheiro tenha sido destinada ao pagamento de bolsas, no montante há parcela significativa que se destinou à infra-estrutura do ensino, como construção e reequipamento de laboratórios e aquisição de livros para bibliotecas, entre outros itens.

Extra-orçamentário - Além de ter sua cota fixa no orçamen-

to do Estado, a Unicamp cresceu seu ativo, a ponto de em 1999 os recursos extra-orçamentários alcançarem o equivalente a 51,4% da verba do ICMS. Certamente isso contribuiu para que aumentassem as vagas na graduação e na pós e para que houvesse melhora nas condições de seus laboratórios de pesquisa e ensino.

De acordo com Leonardo, os estudantes de doutorado da Unicamp representavam, em 1997, 38,6% do contingente de alunos do conjunto das universidades federais. Percebe-se, portanto, que a dedicação ao doutorado nas estaduais é bem maior que nas federais, fator estimulado pelos incentivos financeiros.

Há outros indicativos do crescimento das estaduais paulistas com a fixação do orçamento. O número de alunos matriculados na graduação da Unicamp cresceu 55,1% entre 1989 (ano da autonomia universitária) e 1999. Os diplomados representaram acréscimo de 61,6%, as matrículas na pós-graduação 74,1% e as dissertações de mestrado e teses de doutorado subiram 165,3%. Também a produção científica mensurada por artigos indexados no Science Citation Index (SCI) cresceu 179,9% entre 1993 e 2000. A USP, que usa os dados do Institute of Scientific Information (ISI), teve aumento de 157,3% no mesmo período.

Gastos comprometem atividade-fim

Se os números de investimentos são crescentes, há problemas que podem inviabilizar o financiamento do ensino, sua atividade-fim. O grande comprometimento com pagamento de pessoal, gastos com inativos, sustentação de hospitais universitários e pagamento de precatórios estão na lista das preocupações. Na Unicamp o comprometimento com a folha de pessoal, que já foi de 64,4% em 1989, chegou a 91,8% em 1998. Já os gastos com aposentados, que representavam 3,3% da folha de pagamento em 1989, consumiram 17,8% dos recursos

em 1999.

Conforme levantamento de Leonardo, o comprometimento com inativos nas federais é maior, mas a tendência é que cresça mais nas estaduais, como é o caso da Unicamp. Da mesma forma a Unicamp dispunha 12,83% de seu orçamento com a manutenção e funcionamento da Área Hospitalar em 1988. Em 1992, esse patamar subiu para 20,4%, permanecendo estável desde então. Apesar de ser um problema menor, o pagamento dos precatórios também não pode ser descartado.

A controvérsia sobre o custo-aluno

A velha história do custo-aluno vem à tona quando se pensa no financiamento do ensino. De acordo com o Banco Mundial, em 1997 o custo médio de um aluno de graduação nas universidades federais, levantado a partir de informações obtidas junto ao Ministério da Educação, era de R\$ 15 mil. O organismo internacional, contudo, não leva em conta que há outras despesas incluídas nesse total, como o funcionamento de um hospital universitário. Simplesmente divide o orçamento pelo número de alunos matriculados.

No caso da Unicamp, se fosse obedecida esta regra e levando em conta dados de 1998, cada aluno de graduação custaria R\$ 43 mil. Mas não é essa

a realidade, conforme Leonardo. Se retiradas as despesas com hospitais, aposentadorias e precatórios, o custo já cairia para R\$ 29.500. Mais: seria de R\$ 16.108, caso fosse incluído o contingente de alunos da pós-graduação. Por fim, a estimativa de custo de um estudante da Unicamp chegaria a R\$ 11.077, se fosse atribuído peso dois aos alunos da pós-graduação, conforme sugerido na literatura internacional. Para reforçar este número, Leonardo Rondon constatou, a partir de um documento do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), que a abertura de uma nova vaga na USP, Unicamp ou Unesp custaria aproximadamente R\$ 7.200.

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. **Fax** (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Clayton Levy. **Editor** Álvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** ArtPrinter Gráficos & Editores (0xx11) 6947-2177. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569.

Variações cambiais levam Fapesp a adotar medidas emergenciais para salvar projetos de pesquisa

Foto: Antoninho Perri

Solução de emergência



O diretor científico da Fapesp, José Fernando Perez: "Estamos usando a reserva técnica como forma de cobrir as eventuais variações cambiais"

CLAYTON LEVY

levy@reitoria.unicamp.br

■ **Jornal da Unicamp** – Qual o impacto da alta do dólar no orçamento da Fapesp?

Perez – No curto prazo, muitos projetos tinham recursos aprovados em dólar para material importado e a concessão havia sido feita num pressuposto do dólar a R\$ 2,40. Como é frequente iniciar a importações depois de seis meses a um ano da concessão, a variação cambial alterou o pressuposto completamente. Está ocorrendo que algumas concessões foram dadas no pressuposto do dólar a R\$ 2,20 e as importações têm de ser feitas com o dólar a R\$ 3,80.

■ **JU** – Do total de gastos da Fapesp, quanto se refere às compras em dólar?

Perez – Cerca de 35%. Isso mostra o impacto que a variação cambial gerou em nosso sistema.

■ **JU** – Diante das restrições, quais os casos que terão prioridade para serem atendidos?

Perez – Nesse momento, queremos garantir que nenhum projeto de pesquisa tenha perdas irreparáveis. Para isso, adotamos um critério de emergência. Por exemplo, projetos que trabalham com material perecível ou uma máquina que deixará de funcionar por falta de peças de reposição. Para cada pedido estamos analisando as razões que se aplicam a esse critério de emergência.

■ **JU** – Depois do anúncio das restrições, em agosto, quantos pedidos a Fapesp já recebeu em caráter de emergência e, destes, quantos foram atendidos?

Perez – Recebemos cerca de 100 pedidos e, destes, 90% foram atendidos.

■ **JU** – Esses pedidos representam um desembolso de quanto?

Perez – Os pedidos já concedidos representam cerca de UU\$ 300 mil e temos outros US\$ 600 mil que deverão ser liberados nos próximos dias.

■ **JU** – Em anos anteriores também houve variação cambial e a Fapesp não adotou nenhuma medida de emergência. O que mudou neste ano?

Perez – As variações cambiais suaves são absorvidas tradicionalmente pelo aumento de receita. As variações abruptas que ocorreram no período da inflação eram automaticamente corrigidas por uma cesta de indicadores, que incluía o dólar. Com isso se restaurava o valor do capital aplicado. No momento atual, não há investimentos com estas características. A Fapesp, por determinação do Tribunal de Contas, não pode fazer investimentos considerados de risco. Não podemos investir em fundos com correção cambial. Com isso, ficamos limitados a uma taxa de juros, que é a maior paga pelo mercado, mas que ainda assim não consegue cobrir uma variação cambial dessa grandeza. Isso onera bastante.

■ **JU** – As medidas de emergência adotadas alteram o uso da reserva técnica nos projetos de pesquisa?

Perez – Estamos usando a reserva técnica como forma de cobrir as eventuais variações cambiais. Quando a gente faz uma concessão em dólar, o valor da reserva técnica é separado para cobrir toda a variação cambial que possa ocorrer no período.

■ **JU** – A Fapesp está negociando com fornecedores?

Perez – Estamos conversando. Foi uma iniciativa dos próprios fornecedores, que nos procuraram. Essas negociações têm sido bastante frutíferas. Há alguns casos concretos onde foi possível uma aquisição, em que a própria empresa está fazendo

a importação oferecendo uma taxa de câmbio muito baixa. Ela cobre os custos de importação e alonga o perfil de desembolso as Fapesp.

■ **JU** – O senhor disse que está havendo um distanciamento do governo federal em relação aos investimentos em pesquisa no Estado de São Paulo e defendeu a criação de um pacto federativo para financiamento à pesquisa. Poderia explicar melhor?

Perez – Acho que esse pacto federativo é algo que tem de ser articulado numa ação que permita que as agências federais trabalhem de forma mais articulada com as agências estaduais, tanto para identificar prioridades como para a sistemática de avaliação. Não é só para financiamento. Mesmo os programas de rótulos comuns, a sua implementação local deve atender às prioridades e competências locais. Também é necessário achar um mecanismo de estímulo e pressão sobre os governos estaduais para que cumpram suas próprias constituições, garantindo o repasse às suas agências de fomento. Acho que o governo federal tem instrumentos para isso. Pode-se propor, por exemplo, que o investimento federal seja acompanhado de uma contrapartida estadual.

■ **JU** – Como consolidar um pacto como esse diante de uma situação de contingenciamento nos investimentos federais, que afetam atualmente agências importantes como o CNPq?

Perez – Em relação aos contingenciamentos, o governo já aprovou uma medida provisória, que impedirá, a partir do ano que vem, o contingenciamento da verba para ciência e tecnologia. Essa é uma iniciativa muito importante. Mas independentemente disso, não se pode mais conceber que apenas o sistema federal seja responsável pelo financiamento à pes-

Considerada a mais eficiente agência de fomento à pesquisa do País, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) também está sendo afetada pela alta do dólar. Pela primeira vez em 40 anos de existência, a entidade adotou medidas restritivas no custeio de material importado. Desde agosto, só estão sendo liberados os pedidos para projetos em que a falta desses acarretará "perda irreparável" para o resultado da pesquisa. Com um orçamento de R\$ 380 milhões para este ano, a agência está em compasso de espera para retomar a normalidade. A convite da reitoria, no dia 24 de outubro o diretor científico da Fapesp, José Fernando Perez, reuniu-se no auditório da Biblioteca Central da Unicamp com coordenadores de projetos para explicar a situação e esclarecer dúvidas. Após o encontro, Perez falou ao **Jornal da Unicamp**.

quisa. Todos os estados deverão assumir parte de sua responsabilidade. Estou falando de estados fortes, ricos, como Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pernambuco. Acho que o governo federal deve ter uma ação mais incisiva, no sentido de pressionar mesmo.

■ **JU** – Em sua opinião, qual o impacto que o contingenciamento de verbas federais gerou na pesquisa nacional?

Perez – Atravessamos um momento em que o sistema está florescendo. Nos últimos 40 anos houve a implantação da pós-graduação, geramos um sistema de pesquisa vigoroso e agora estamos no momento de colher, com projetos mais ambiciosos e iniciativas inovadoras. Por isso é importante que ciência e tecnologia sejam inseridas como prioridades na ação do governo. Não se pode, por exemplo, pensar em política industrial sem uma política de ino-

vação. Acho que o debate político nesse processo sucessório foi muito pobre. Ficou focado em questões como o desemprego. São questões relevantes, mas não foram atacadas as causas.

■ **JU** – Em relação a esse debate, como o senhor analisa as propostas dos dois candidatos que passaram para o segundo turno? Luiz Inácio Lula da Silva prometeu aumentar os investimentos em C&T de 0,9% para 2% do PIB, enquanto José Serra acenou com uma elevação para 1,3%. O senhor acha que isso é viável?

Perez – Acho que esses números são pouco relevantes. O importante é garantir que os fundos irão funcionar bem, que não haverá mais contingenciamento, e que haverá uma ação articuladora do governo de forma a garantir que os estados façam a sua contribuição. Acho que os programas foram feitos de maneira muito genérica. Em minha opinião, durante os debates, nenhum candidato situou ciência e tecnologia como uma prioridade nacional.

"Queremos garantir que nenhum projeto tenha perdas irreparáveis"

"Não se pode pensar em política industrial sem uma política de inovação"

Estudo mostra que incorporação de tecnologia torna gestão de recursos mais eficiente

O hospital inteligente

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Os mesmos conceitos empregados em indústrias, casas e edifícios automatizados também podem ser aplicados em um ambiente hospitalar, com o auxílio da mecânica e da domótica. Ambas as ciências (a domótica nasceu da mecânica) incorporam tecnologias das áreas de engenharia mecânica, eletrônica, computação e controle para projeto de automação de equipamentos. Esta associação proporciona uma gestão mais eficiente dos recursos – em termos de conforto e de informações – e diminui custos, segundo a tese “Integração de dispositivos inteligentes utilizando conceitos de domótica direcionados à automação hospitalar”, da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp.

Equipamentos que podem ser vistos no chão de fábrica de uma indústria podem ser levados a outros locais. São canaletas para transferência de energia, ar comprimido, iluminação e alarme, entre outros. Mas vale aí uma ressalva: “o grande desafio é integrar todos os mecanismos”, opina o engenheiro Marcos Antonio Porta Saramago, autor da tese, que tornou a possibilidade factível em testes com telecirurgia, sistemas inteligentes (macas, camas, cadeira-de-rodas) e domótica.

Orientada pelo professor João Maurício Rosário, essa pesquisa incentiva um modelo de planejamento da automação a fim de ser implantada de forma gradual numa estrutura hospitalar. Entretanto, Saramago observa que grande par-



O engenheiro Marcos Antonio Porta Saramago: “Automação exige planejamento”

Fotos: Neldo Cantanti

Maior desafio é integrar todos os mecanismos

te dos funcionários deveriam receber treinamento específico para lidarem com software e hardware mais modernos. Para o engenheiro, é necessário ainda que eles se sintam inseridos no planejamento de automação. “Uma relação assim ajuda a enriquecer a convivência. Facilita

o processo, por exemplo, indagar aos operadores como eles gostariam que fossem os seus instrumentos de trabalho, longe de posturas restritivas como as seguidas por empresas que, ao fornecerem produtos, impõem sua tecnologia. A Unicamp tem tecnologia e está aberta a parcerias para desenvolver novas ferramentas.”

Automação – O doutorando explica que dividiu sua pesquisa em três fases principais. A primeira consistiu em apresentar conceitos de modelagem. A segunda em exemplificar algumas aplicações de automação hos-

pitalar. Na terceira fase, que foi a experimental, implementou uma maquete com variáveis que podem ser controladas e uma cadeira-de-rodas dotada, ou adaptada, de um sistema de arquitetura aberta, em que o paciente a comanda com um joystick.

O primeiro desses sistemas – implantado no departamento de Projeto Mecânico da FEM – foi o de controle de acesso, que prescinde na utilização de um cartão codificado, o qual permite identificar se determinada pessoa que adentrou uma sala é aluno, professor ou funcionário. O uso exclusivo do cartão garante aquele acesso a certas informações e a algumas portas. “Adotado por um hospital, a aplicação será outra: o paciente terá um cadastro registrado em computador com dados sobre sua localização em certa enfermaria, horas de visita, os medicamentos em uso, etc. A sistemática diminui o estoque de medicamentos e melhora a assis-

tência”, acredita o orientador.

Outras teses na mesma linha estão sendo feitas na área de prótese, telerrobótica e monitoramento. Saramago informa que o princípio de edifício e casa “inteligentes” são áreas bem exploradas no exterior e que por isso resolveu enveredar seu estudo para um nicho diferente – a experiência de um hospital, que é inédita no Brasil. O projeto está pronto para ser executado.

Muito em breve, assim como há 15 anos não se imaginava o computador na vida das pessoas, a automação poderá estar interligada em rede para o atendimento médico, que será conduzido a distância através de um núcleo provedor. “Estamos agregando conhecimentos para desenvolver massa crítica. Como a automação está ligada a conceitos, ela exige planejamento. Enquanto no País as mudanças surgem de repente e vêm prontas, no exterior levam tempo, requerem treinamento e não provocam desemprego”, exemplifica João.

Técnica aumenta produção de vinagre

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

A engenheira química Wilma Spinoza demonstrou, por meio de pesquisa de doutorado desenvolvida na Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp (FEA), que a adoção de novas técnicas pode gerar melhores índices de produtividade e ganhos econômicos na fabricação de vinagre. A partir do isolamento de bactérias Acetobacter – microrganismos acéticos responsáveis pela acidificação de vinho e de outras substâncias –, a pesquisadora comprovou a importância da exploração de trabalhos científicos para melhorar o processo de fermentação do produto.

Solução diluída de ácido acético, o vinagre pode ter sua produção aumentada, de acordo com a engenheira, se forem pesquisados processos de fermentação mais eficientes, selecionando microrganismos que sejam melhores produtores. Wilma chegou a esta seleção por intermédio da purificação, da identificação e da preservação das bactérias e também do desenvolvimento de técnica microbiológica de contagem e teste com linhagens selecionadas em indústrias de vinagre.

A pesquisa foi desenvolvida com bactérias acéticas em condições de indústria, para che-



A engenheira química Wilma Spinoza: processos de fermentação mais eficientes

gar a um quadro mais próximo da realidade do dia-a-dia das unidades produtoras.

Wilma informa que a fermentação acética é importante não só na produção de vinagre, mas também na utilização do microrganismo para obtenção de produtos de valor comercial, como o ácido acético, que tem várias aplicações na indústria química e alimentícia. Os resultados apresentados por ela podem significar um avanço

na área de biotecnologia e baratear o custo para os produtores brasileiros.

Graduada em engenharia química, Wilma Spinoza recebeu orientação dos professores Fumio Yokoya (Unicamp) e Pedro de Oliva Neto (Unesp - Assis). Outros pesquisadores estão desenvolvendo trabalhos nesta mesma área de pesquisa, como Vitorio dos Santos Júnior, também aluno da FEA Unicamp, que está finalizando sua dissertação em fermentação acética.

Mil e uma utilidades

Vinagre para temperar, esterilizar, amaciar, neutralizar odor. Mais que dar sabor aos alimentos, o ácido acético tem funções que podem facilitar o dia-a-dia e diminuir o orçamento doméstico. A engenheira química Wilma Spinoza defende essa idéia.

Ela revela que na Europa o consumo por pessoa situa-se em 4 litros por ano e no Brasil em 0,6 litro por ano. Lá, o produto é utilizado na higienização de cachorros, na limpeza de carpetes e como conservante na indústria de alimentos. “Eu mesma utilizo na limpeza diária e como amaciante de roupas; além de todas as aplicações, o vinagre é barato e diminui o custo da compra de produtos de limpeza.”

Wilma Spinoza destaca a eficiência do ácido acético para limpar metais, cristais e avivar as cores das roupas. “Ele também pode ser usado para neutralizar odor em ambiente poluído por fumaça de cigarro”. Apesar de tantas utilidades, o Brasil consome pouco vinagre. “O brasileiro não tem esse hábito. Uma família de quatro pessoas consome apenas 750 ml por mês”, informa.

PA NEL DA SEMANA

■ **Sipat Funcamp** – “Segurança: Prioridade de quem valoriza a vida” é o tema da primeira Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho (Sipat) da Funcamp que acontece entre os dias 4 e 8 (segunda e sexta-feira). A Sipat tem o objetivo de orientar os colaboradores sobre a importância da prevenção de acidentes. As palestras e demais eventos acontecem no Salão Nobre da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, a partir das 9 horas. Programação completa no www.funcamp.unicamp.br.

■ **Desenvolvimento sustentável** – Seminário “Balanço das negociações sobre comércio, finanças e desenvolvimento sustentável em Doha, Monterrey e Johannesburgo” dia 5 (terça-feira), às 10 horas, no auditório do Instituto de Economia. Presenças confirmadas do embaixador Valdemar Carneiro Leão, do Ministério das Relações Exteriores e do embaixador Marcos Caramuru de Paiva, do Ministério da Fazenda. Detalhes: 3788-5731.

■ **Ambiente e Sociedade** – 1º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade dias 6 a 9 (quinta-feira a sábado), no Hotel Vitória (Indaiatuba). A secretaria executiva do evento está a cargo da professora Lucia da Costa Ferreira, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Unicamp. Mais informações no site www.anppas.org.br.

■ **Excaravelhas** – A Festa das 1001 Danças é produzida anualmente pelo Grupo das Excaravelhas de Dança Contemporânea. Este ano, ela acontece no Espaço Cabong, dia 6 (quarta-feira), às 21 horas. O grupo é formado por profissionais graduadas em Dança pela Unicamp. O Espaço Cabong fica na Rua Rodrigo Ribeiro de Mello, 403, Bairro Real Parque/Barão Geraldo. Informações: 3289-1725 (com Lô Guimarães), 3249-0467 / 9121-9338 (com Milena Machado).

■ **Universidade e Indústria** – A palestra “Aproximação da Universidade com a Indústria e o setor de serviços” será proferida pelo professor Eduardo de Campos Valadares, do Departamento de Física da UFMG no dia 7 (quinta-feira), às 16 horas no Auditório do IFGW. Será apresentado um painel sobre a experiência da Universidade nos últimos seis meses. Entrada franca.

■ **Poesae** – Sarau poético com a participação exclusiva dos estudantes da Universidade no dia 8 (sexta-feira), às 19 horas, no Espaço Cultural Casa do Lago (antigo Lake House). Informações: jura@unicamp.br.

■ **Colóquio** – A disciplina “Táticas de Poder, Racismo e Escola”, o Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem e o Núcleo Temático Escola, Diversidade e Educação realizam, no dia 8 (sexta-feira), o colóquio “E se o outro não estivesse aí? A questão do estrangeiro, do racismo e da escola”, com os palestrantes Carlos Skliar (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Caterina Koltai (PUC-SP) e Milton José de Almeida (Unicamp). Local: Salão Nobre da Faculdade de Educação, às 8h30. Organização: professores Regina Maria de Souza (monobere@unicamp.br) e Silvío Gallo (gallo@unicamp.br).

■ **Homeopatia** – 3º Simpósio Médico-Acadêmico de Homeopatia no dia 9 (sábado), na Faculdade de Ciências Médicas. Também haverá palestras sobre aplicações clínicas em pediatria, ginecologia, oncologia, saúde pública e AIDS. Informações: e-mail liga_homeopatia@yahoo.com.br ou telefone (19) 3289-3088.

■ **Ensino de Química** – Dias 9 e 10 (sábado e domingo) acontece no Instituto de Química o 2º Simpósio para Profissionais do Ensino de Química (Simpeq). O evento é voltado para professores que atuam no ensino de química e contará com atividades experimentais, palestras e debates. Informações e detalhes no site <http://gpqqa-e.iqm.unicamp.br/simpeq.htm>.

EM DIA

■ **Judô** – Representantes da Unicamp se destacaram no 2º Workshop Científico Internacional de Judô, realizado nos dias 18 e 19 de outubro, em Niterói (Rio de Janeiro). O evento contou com trabalhos e congressistas de vários países. Fabrício Boscolo Del Vecchio, Roberto Vilarta e Aginaldo Gonçalves, alunos da Faculdade de Educação Física, foram os primeiros colocados com o trabalho "Desvios e Adaptações Posturais Relacionados à prática e ao treinamento do Judô". Em quinto lugar, Rodrigo Ribeiro Rosa e Paulo Roberto de Oliveira se classificaram com o trabalho "Estudo da quantificação das ações motoras e esforços específicos de atletas de Judô em situação competitiva" e Fabrício Boscolo Del Vecchio e Leonardo Mataruna dos Santos ficaram em sexto lugar com o estudo "Propostas da Utilização de Microestruturas da Ação Motora Complexa no Judô". A publicação sobre o evento deverá, em breve, estar disponível em versão digital que poderá ser baixada na página www.judorio.org.br e www.judobrasil.com.br.

■ **Prêmio química** – Pesquisa realizada no Laboratório de Química do Estado Sólido (LQES) do Instituto de Química ganha prêmio "Best Poster" no Materials Chemistry Fórum, da Royal Society of Chemistry, em Madrid (Espanha), realizado nos dias 22 a 25 de setembro. Os resultados do trabalho "Microstructural control of inorganic materials via latex spheres or emulsion templating and preparation of macroporous inorganic materials/semiconductor composites" fazem parte da tese de doutoramento de Carla Veríssimo, financiada pela Fapesp, e sob a supervisão do professor Oswaldo Luiz Alves. A extensão deste projeto de "síntese moldada" está sendo realizada com financiamento do Instituto do Milênio de Materiais Complexos (IM²C) - sediado no Instituto de Química da Unicamp.

■ **Eleições HC** – Inscrições de candidatos nos dias 13 e 14 de novembro. No dia 20 de novembro haverá um debate com os inscritos e as eleições acontecem dia 27 e 28 de novembro. A apuração ocorre no dia 28, a partir das 17h30.

■ **Sonha Barão** – O Movimento Sonha Barão, apoiado pela Sub-Prefeitura de Barão Geraldo, está iniciando uma campanha de conscientização da separação/coleta seletiva. O Movimento pretende centrar esforços para que a coleta de material reciclável aconteça de forma satisfatória, pois o material é levado às 3as. e 6as. feiras à Cooperativa de Recicláveis e está sustentando as 21 famílias dos cooperados. Pela falta de adesão correta à separação domiciliar do 'lixo', a cada 100 kg coletados, 40 estão tendo que ser descartados. Desde o 1º semestre de 2002 os alunos da Unicamp que desejam colaborar podem se matricular na disciplina AM-018, obtendo 4 créditos. Mais informações: Sallette Aquino Giuliano (3788-7833).

■ **Videoconferência** – Minicurso "Conceitos Básicos sobre Videoconferência" desenvolvido pela equipe de suporte técnico a EAD do Centro de Computação da Unicamp. Pode ser acessado a partir do endereço www.ead.unicamp.br, item "Minicursos". Pode ser usado sem restrições.

■ **Errata** – Na edição número 195 do Jornal da Unicamp, que circulou na semana de 21 a 27 de outubro, página 10, onde consta "SAE inicia curso de psicodrama", o correto é que ele promove encontros de psicodrama com alunos. Trata-se do Programa de Orientação Profissional do Serviço de Apoio ao Estudante. Informações: 3289-4135.

Pesquisadora descobre sítios arqueológicos de populações indígenas

Aldeias que não estão no mapa

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br



Xilogravura de Hans Staden datada de 1557

O aldeamento de São Barnabé, no Rio de Janeiro, desapareceu do mapa e de documentos escritos nos quais está registrada a história da cidade de Itaboraí, mas um levantamento feito pela professora Nanci Vieira de Oliveira, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), recém-doutorada pela Unicamp, descobriu dois sítios arqueológicos que ainda guardavam vestígios de populações indígenas que teriam vivido no município entre os séculos 16 e 18. A base do projeto de doutorado, defendido no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), é o estudo de cultura material e análise de fontes documentais, algumas delas contestadas por Nanci.

A proposta do trabalho é tornar conhecidas as estratégias de guerra europeias, a resistência aos aldeamentos jesuítos, e a participação política dos índios. A falta de dados documentais nos

Objetos comprovam estada de tupinambás

últimos séculos, na opinião de Nanci, tem a ver com a estratégia de resistência cultural dos nativos e até mesmo

com a política de esquecimento empregada pelos colonizadores. "Eles tanto podem ter passado por um processo de miscigenação, ter desaparecido da memória, ou podem ter se deslocado", questiona.

O trabalho deve resgatar essa memória apagada nos escritos e, na opinião do seu orientador, o professor Pedro Paulo Funari, do IFCH/Unicamp, ela já conseguiu por meio da compleição dos vestígios físicos dos habitantes do local. Objetos como cerâmicas, panelas e até mesmo moedas comprovam a antiga estada de tupinambás na atual Vila de Itaboraí. Um dos sítios estudados por Nanci está relacionado ao início da implantação dos aldeamentos pelos jesuítos, e o segundo é um sítio cemitério, que surgiu após a expulsão dos jesuítos. "Este sítio é um cemitério de uma capela que foi destruída no início do século 19." Segundo a pesquisadora, os jesuítos foram expulsos em 1759. "É a partir daí que se observa uma participação leiga nos aldeamentos", revela.

Mas não é isso que tentam mostrar os documentos. Até meados do século 18, persiste a pesquisadora, os documentos até fazem uma distinção entre índios e não-índios, mas após o século 19, não há uma menção escrita, "como se eles tivessem sido extintos. Há um código espacial utilizado nos escritos para distinguir os nativos de não-índios. Há um certo preconceito por parte dos historiadores do século 19. Eles até são tratados como selvagens, mais animais que seres humanos", revela.

A ideia dos historiadores da época, sob o olhar de Nanci, era a de que os índios representassem todo o atraso do Brasil. "Todo o conhecimento histórico que estava sendo construído na época é passado para os livros didáticos pelo escritor e historiador Joaquim Manuel de Macedo, nascido em Itaboraí", acrescenta a professora. Outro fato que demonstra o interesse em estabelecer uma política de esquecimento é a implantação da Lei de Terras ter tido como um dos mentores o Visconde de Itaboraí, "o maior latifundiário da região", segundo Nanci.

A história reconstituída

O aldeamento de São Barnabé data do século 16. "Antes, o que existia era uma densidade demográfica de tupinambá ou tamoios". Funari explica que os aldeamentos só passaram a existir após a chegada dos jesuítos que se propuseram a organizar os índios. "Quando os jesuítos pediram as terras para aldeamento, as aldeias já existiam", explica Funari.

De acordo com informações registradas por Nanci em sua tese de doutorado, os documentos se enganam não só quanto à permanência da população indígena, mas também com relação à extensão da área onde teria se instalado o aldeamento jesuíta de São Barnabé. A pesquisadora afirma que os registros tentam comprovar a permanência dos nativos apenas no centro missionário, quando na verdade a população se espalhava em uma área bem mais extensa.

Os documentos apresentam uma Aldeia de São Barnabé, quando o nome correto seria aldeamento. Está er-

rado, segundo a pesquisadora, na medida em que a aldeia é um espaço escolhido e organizado pelo próprio índio, e "o aldeamento é resultado de uma política feita por vontade dos europeus para concentrar comunidades indígenas".

Segundo o orientador do trabalho, a pesquisa dos vestígios arqueológicos permitiu que a professora Nanci de Oliveira chegasse a uma série de conclusões às quais os documentos escritos não davam acesso, como a invasão dos colonizadores, dos franceses e dos holandeses, estabelecendo localizações estratégicas desses aldeamentos.

Foto: Antoninho Perri



Pedro Funari e Nanci de Oliveira: resgate da memória apagada

Escavações encontram 4 mil ossos

Referência em estudos arqueológicos no Rio de Janeiro, a professora Nanci Vieira de Oliveira escavou durante quatro anos em busca de material que comprovasse sua tese. No sítio-cemitério, ela descobriu o equivalente a 4 mil ossos: "O levantamento revela a existência de 57 pessoas." As escavações realizadas com alunos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro mostram que o local região já sofreu impacto pelo menos três vezes. Eles escavaram três camadas e observaram que acima dos entulhos da demolição da igreja ainda existiam ossos.

Nanci também conduziu parte de sua pesquisa pelo levantamento de desgaste dentário. "A boca é nosso primeiro contato com o mundo. No caso dos índios, utilizavam os dentes na produção de cestarias. Segundo a arqueóloga, os documentos falam em cestas coloridas. "Trabalho em uma comunidade de Guarani em Angra dos Reis (RJ) e eles produzem cestas coloridas", argumenta.

Uma nova rota cartográfica

Depois de realizar a missão a que se propôs, Nanci lança suas sugestões em posse dos resultados da pesquisa. Como direito de quem percorreu toda a região em posse de mapas e dados datados dos séculos 16 e 17, ela sugere agora um mapa de sua autoria, a partir da descoberta de materiais de origem tupinambá. "Eu tive a oportunidade de percorrer várias vezes uma estrada que existe desde a confecção

de um mapa de 1767", afirma. Ela diz ter conhecido todos os pontos indicados nos documentos.

Nanci trabalhou com mapas antigos, fazendo geo-referenciamento. "Passei quatro anos identificando caminhos para traçar a relação entre a arqueologia e os documentos." Ao tentar identificar os caminhos do século 18, antes da expulsão dos jesuítos, Nanci descobriu que alguns caminhos permanecem.

Pelo tombamento da igreja

Os resultados obtidos pela investigação podem favorecer a tomada de consciência por parte dos órgãos competentes em relação ao tombamento da região de São Barnabé. "Não está tombada porque é de índio", arrisca Nanci.

A falta de reconhecimento também por parte da história atual ainda não permitiu o tombamento da Igreja de São Barnabé, apesar de ter passado por restauração. A professora Nanci

Igreja de São Barnabé: poder público ignora pedido de tombamento

afirma que já entrou com vários pedidos de tombamento municipal para a Igreja de São Barnabé, localizada em Itaboraí, e para a região habitada pelos índios. Os responsáveis alegam que não podem viabilizar o tombamento por causa de novas construções.



Foto: Reprodução

Pesquisadores, professores e compositores participam durante três

Acadêmicos tiram

ANTÔNIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

O samba popular deixa o morro carioca, onde nasceu há pouco mais de 80 anos, ganha a avenida e chega à universidade. O mesmo samba a princípio executado na caixa de fósforos, com violão, pandeiro e cavaquinho, é hoje tema de teses e assunto obrigatório nas universidades. Gênero musical muito apreciado no Brasil, o samba foi, de 21 a 23 de outubro, o assunto principal do seminário *Samba em Debate*, no auditório do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Foram mais de 14 horas de debates com professores, pesquisadores e especialistas das principais universidades brasileiras, além de quase duas horas de música com o cantor, compositor e violonista Jorge Simas.

Segundo o professor José Roberto Zan, idealizador do seminário, há um vazio na academia com relação a estudos mais aprofundados sobre o samba, sempre visto com o rabo-de-olho e certo preconceito. “Todavia, não se trata de um gênero menor, como frequentemente se ouve até mesmo dentro da própria universidade. Creio que é papel da Unicamp discutir também assuntos considerados por parte da crítica como um gênero menor, mas igualmente importantes quando investigados sob o aspecto científico”, diz.

Zan explica que o tema já foi motivo de reflexão de simpósios realizados por outras instituições brasileiras. Lembra que a Unicamp foi a primeira universidade a criar uma modalidade do ensino da música popular. No entanto, observa que “há constantes lutas dentro das instituições acadêmicas de modo geral em busca da consagração ou de legitimidade com relação a determinadas temáticas estudadas em algumas escolas”, diz o professor.

Para a diretora do Instituto de Artes, Helena Jank, a Unicamp, assim como a própria sociedade, via a arte como um simples objeto de lazer. “Havia certa dificuldade em perceber a arte como um objeto de pesquisa científica



O professor José Roberto Zan, idealizador do seminário: estudos sobre o samba precisam ser aprofundados

ca”. E mais: “Como musicista erudita, posso dizer, por experiência, que ainda há certo preconceito por parte dos próprios músicos e estudantes de dentro e de fora da universidade, com relação àqueles que fazem uma música diferente, que não a clássica ou erudita. Muitas vezes rotulam a música popular de “subproduto, enquanto pesquisa acadêmica, o que não ocorre quando é tratada sob o ponto de vista artístico”.

Refletindo sobre a música popular em termos mais amplos, não especificamente o samba, verifica-se que de uns anos para cá o gênero começou a ser objeto de uma análise mais consistente – e séria. “Antes, dava-se muito mais valor à música erudita, à composição e à regência”, opina Zan.

A partir do momento em que música popular foi reconhecida como fenômeno complexo e, por isso mesmo, encarada como objeto de investigação acadêmica, a universidade passou então a criar cursos na área de música popular. Segundo Zan, isso tem um propósito. “Formar músicos, instrumentistas, compositores e arranjadores que vão atuar na área. E é essa geração que pode interferir de maneira a modificar o rumo da indústria cultural brasileira. Mesmo porque a música popular de hoje não é mais aquela que se fazia antes, numa caixa de fósforos, numa roda de cerveja, numa mesa de botequim”.

Foram mais de 14 horas de debate



Bom para dançar, ruim para caminhar

Para o professor Dilmar Santos Miranda, da Universidade Federal do Ceará, a sobrevivência do negro, desde a escravidão, deve-se a múltiplas estratégias e inúmeras formas sutis de tenaz resistência, que o manteve permanentemente em estado de negociação, destacando-se o que mais sabia fazer à maneira dele: a música. Dilmar deduz que diversas formas musicais que se fixaram a partir das três últimas décadas do século 19, até os primeiros decênios do século 20, são testemunhos vivos de estratégias de sobrevivência cultural, diante da nova ordem que se instaurou no país, assinalando múltiplas táticas de conduta do povo.

Dentre tais formas, destaca-se o samba, que sofre, no decorrer das primeiras décadas do século 20, uma importante mo-

dificação rítmica. Inicialmente, ele guarda uma levada próxima à do maxixe. “Era bom para dançar, mas ruim para caminhar”, explica.

Miranda cita depoimento de Ismael Silva ao jornalista Sérgio Cabral, em que o sambista dizia que a alteração rítmica era necessária porque “a gente precisava de um samba para movimentar os braços para a frente e para trás durante o desfile”. Assim, materializando a intenção dessa geração, agregada por volta de 1927 em torno do bairro do Estácio de Sá, no Rio, entra em cena o samba batucado, marchado da *Deixa Falar*, considerada a primeira escola de samba responsável por desgarrar o samba do maxixe, para adequá-lo à progressão dos préstitos, propiciando um andamento mais leve.

Ainda de acordo com Dilmar,

conforme depoimento do compositor Babau da Mangueira, o novo gênero criado, mais adequado para ser dançado e cantado em cortejo, “era o *samba de sambar*”. Para empurrar o samba, com um ritmo mais acelerado, introduziu-se o surdo de marcação, que fazia prevalecer a pancada forte no segundo tempo do compasso dois por quatro, em oposição ao movimento mais lento, em meneios, do lundu, ou, em volteios, do samba baiano próximo ao maxixe. Outros instrumentos médios e agudos de percussão executavam o contraponto, como o tamborim que, ao preencher os claros entre os tempos fortes do surdo, ajudavam a consolidar o novo padrão rítmico.

A marcha lírica dos ranchos

O pesquisador e professor da Universidade Federal da Bahia, Edson Farias, diz que quando fala em desfile de carnaval não se refere ao das escolas de samba, mas sim de um modelo desenvolvido pelas grandes sociedades. Esse modelo foi traduzido depois pelos desfiles dos ranchos (agregações intermediárias entre os blocos pelo uso de instrumentos de sopro e pelas músicas no estilo marcha-rancho), que se afirma à medida que a cidade do Rio de Janeiro, com sua metropolização, ao mesmo tempo passa a se definir por novas instituições de entretenimento. “Com o incentivo forte da imprensa, o divertimento urbano cresce à medida que a industrialização cria oportunidades para o operariado, definindo as classes médias. O período áureo do carnaval do Rio coincidiu com o apogeu dos ranchos, matrizes das atuais escolas”.

Foi neles que foram buscar o mestresala (que os ranchos chamavam de baliza), pelo refinamento artístico. O tema do desfile era sempre tirado da ópera, da literatura, da mitologia ou da história universal. Os nomes das agremiações eram de irresistível extração lírica: Ameno Resedá, Recreio das Flores, Mimosas Cravinas, entre outros.



as de seminário que colocou o gênero musical no centro do debate

O samba do rodapé

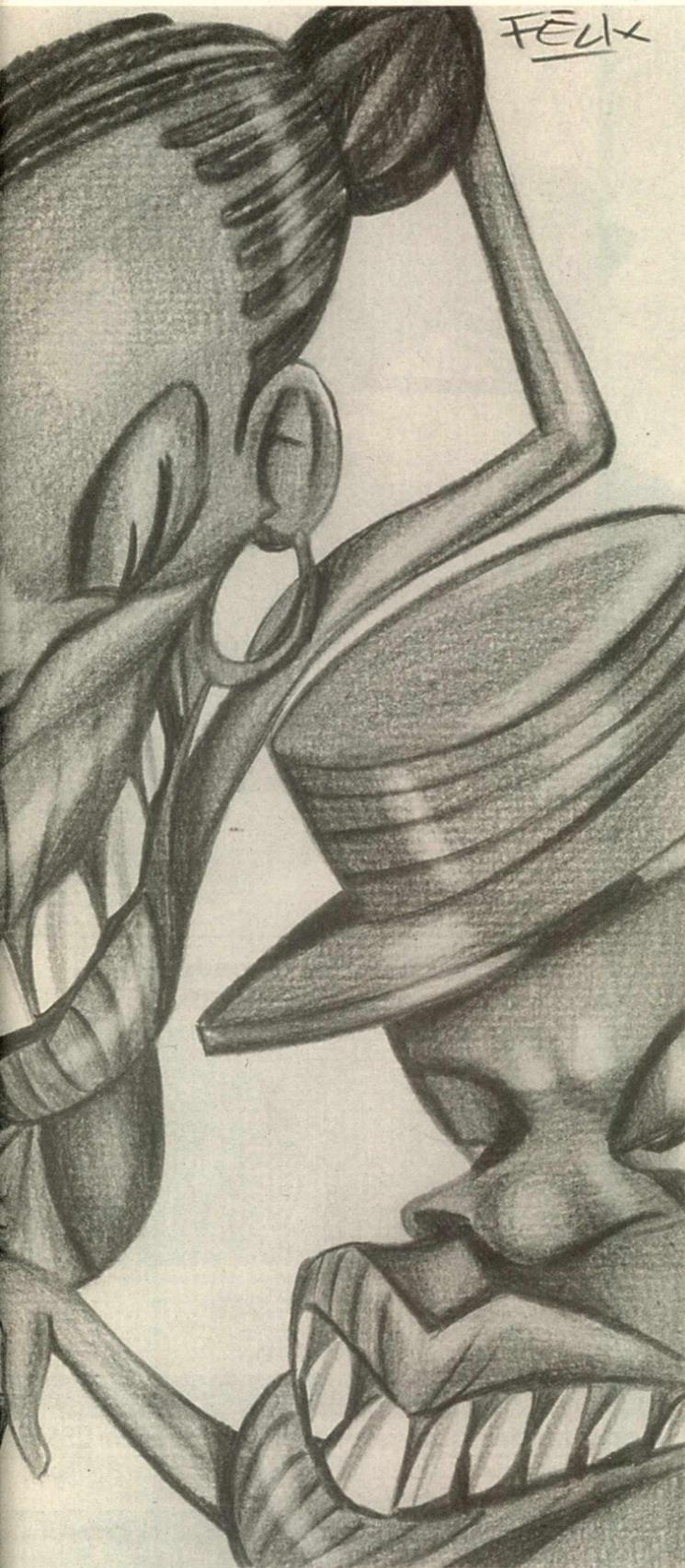


Ilustração: Félix

Na cadência da nova batida

O músico e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco Carlos Sandroni lembra que a primeira música registrada como samba é *Pelo Telefone* (1917), criada por um grupo de boêmios que se reuniam próximos da Praça Onze, no Rio de Janeiro. Ali ficava a casa de Tia Ciata, baiana considerada “mãe” do gênero. Composta pelo cronista Mauro de Almeida (1882-1956), Sinhô (1888-1930) e Donga (1889-1974), faz alusão à perseguição policial aos jogos de azar.

O gênero espalha-se pelo Brasil e domina o carnaval. Sinhô e Ismael Silva (1905-1978) destacam-se com suas composições. Na década de 1930, o samba passa a ser difundido regularmente pelas rádios e faz sucesso o ano inteiro. Sandroni explica que o que realmente começou a onda do samba foi sem dúvida nenhuma *Pelo Telefone*. Quando se ouve esse samba e os gravados até a década de 1920, os sambas de Sinhô, como *Jura* e *Gosto que me enrosco*, por exemplo, “percebe-se que ambos têm um certo estilo, um acompanhamento rítmico que se faz de maneira específica. Quando se ouvem sambas a partir de 1930, nota-se claramente que há um outro estilo, cujo ritmo já não é o mesmo”, explica Sandroni. Esses fenômenos coincidem com o aparecimento das escolas de samba, no início dos anos 30.



Foto: Neldo Cantanti
O pesquisador Carlos Sandroni: outro ritmo a partir da década de 1930

O primeiro desfile extra-oficial ocorreu em 1932, e o primeiro desfile de carnaval em 1935, na Praça Onze, onde durante muitos anos se concentravam os grupos nos dias de carnaval. A primeira escola que apareceu no Rio de Janeiro foi a *Deixa Falar*, fundada em 1928, no bairro do Estácio, zona Norte da cidade. A escola ficou bastante conhecida nos anos do samba. Sandroni acentua que o crítico Sérgio Cabral revelou que, à época do seu surgimento, *Deixa Falar* nunca fora classificada na verdade como escola de samba. Mas sim um bloco carnavalesco. “Mas foi um bloco que mudou o estilo e criou uma performance muito própria que se transformaria na primeira escola de samba. Com essa mudança de estilo, teve papel importante a introdução de novos instrumentos e a combinação desses instrumentos dentro de uma estrutura de batucada própria”, diz.

No ritmo do mercado

“Podemos ver que hoje, não apenas o samba, mas praticamente a arte como um todo, está passando por um momento de extrema submissão à mídia e ao mercado de consumo”. A afirmação é do cantor, compositor e instrumentista Jorge Simas, durante seu bate-papo com estudantes no Seminário *Samba em Debate*. E denuncia: “o que se está tocando no rádio e aparecendo na televisão é decidido por meia dúzia de pessoas ligadas às gravadoras e aos meios de comunicação”.

Cantor, compositor e instrumentista, Simas tem músicas gravadas pelos mais importantes sambistas brasileiros, entre eles João Nogueira, Zeca Pagodinho e Beth Carvalho. Ele diz que se Chico Buarque – “provavelmente o maior compositor depois de Noel Rosa” – estivesse começando hoje, quando impera o consumo da música sertaneja e do pagode, com certeza não teria o mínimo espaço para fazer o seu trabalho. “Certamente, em termos de música, estaria fadado ao fracasso”, revela.

Esse esquema é feito pelas grandes redes de televisão e rádio que executam determinadas músicas de maneira maciça, que acabam se transformando num sucesso imposto. “Não é como antigamente quando a música nascia do compositor, que a oferecia a determinado intérprete na gravadora, que



Foto: Neldo Cantanti

O compositor Jorge Simas: “Tudo é decidido por meia dúzia de pessoas”

gostava da música e a lançava. Hoje em dia a proposta é decidida numa sala de gravadora, com dois ou três camaradas que nem se conhecem. Forma-se ali um grupo e acabam assinando um contrato faraônico. Aí a garotada cai naquela esparrela, gravando coisas que às vezes não têm nada a ver com o estilo e a identidade deles”, diz.

Um exemplo disso são os grupos de pagode que surgiram na década de 1990, *Só Para Contrariar*, *Grupo Soweto*, entre outros. “Na verdade, são garotos que gostam do samba de boa qualidade. Entretanto, tiveram que se render a uma imposição da mídia e do mercado”.

Verifica-se que esse processo, em busca do sucesso fácil acabou provocando um empobrecimento absurdo e nivelando, por baixo, o samba de qualidade em termos de letra, harmonia e melodia. “Exemplo disso é o sertanejo, que se transformou num gênero de baixa qualidade. É um tipo de música que tem momentos que parecem versões de baladas americanas sem valor artístico”, opina o músico.

Da instrumentação do samba de qualidade, que não puderam exterminar, ficou apenas o som do surdo, do pandeiro, como elemento de sustentação nas gravações. “Se formos analisar a melodia, a temática se transformou num negócio extremamente meloso, de um tipo de explanação de amor de uma forma muito rasteira, sem a picardia do samba que compositores consagrados usavam”, lembra.

Até mesmo as grandes cantoras – Gal Costa e Maria Bethânia – acabaram por se render às imposições das gravadoras. Às vezes ouve-se delas que não há compositor produzindo boas músicas. “Coisa absurda, porque o que mais há no Brasil é compositor de talento, produzindo coisas boas”, diz. Em qualquer barzinho que se vá, em São Paulo ou no Rio, há alguém cantando uma música nova. “A gente que anda por aí vê talentos de sobra”.



Foto: Neldo Cantanti

DEU SAMBA
Uma roda de samba (à esquerda) animou o encerramento do *Samba em Debate*, na tarde do dia 23, no Instituto de Artes (IA). Foram quase duas horas de samba da melhor qualidade, na interpretação de grupos musicais – cavaquinho, violão, surdo, pandeiro e cuica – formados por alunos e ex-alunos do IA – *Cupinzeiro* e *Quarteto de Cordas Vocais*, que executaram obras consagradas de João Nogueira, Noel Rosa, Assis Valente, Geraldo Filme, Walter Alfaiate, Saronco, Nelson Sargento e Ney Lopes, entre outros.

As senhoras de família e as diletas filhas do amor

Para a professora Olga von Simson, da Faculdade de Educação da Unicamp (FE), o carnaval praticamente começou a partir de 1855, com o surgimento de uma nova maneira de festejar os dias de Momo. Imitando costumes europeus (franceses e italianos), homens de camadas mais abastadas, principalmente estudantes universitários, profissionais liberais e ricos comerciantes, fundaram as Sociedades Carnavalescas, associações destinadas a promover grandes cortejos pelas ruas e praças dos centros urbanos e bailes luxuosos em hotéis e teatros.

Tudo isso com um único objetivo: divertir o povo. O curioso é que, segundo a professora Olga, tanto durante os desfiles formados por grandes carros alegóricos, animados por bandas e músicos, como nos bailes de máscaras, as mulheres de família não podiam tomar parte ativa, ficando apenas como espectadoras da folia.

“Postadas nas janelas dos grandes sobrados ou nos cama-



Foto: Reprodução

rotos dos teatros para ‘assistir ao carnaval’, recebiam flores, doces, confeitados, homenagens e bilhetinhos. Mas não podiam participar ativamente da folia”, explica a professora.

Permaneciam então como que para embelezar o cenário, como ainda é hoje, “um foco de endeusamento por parte do universo masculino das associações”. No entanto, nota-se que as grandes foliões do carnaval

daquela época eram as “mundanas” – prostitutas e artistas de teatro, principalmente as de origem estrangeira que, tendo algum conhecimento desse tipo de folguedo em seus países de origem, funcionaram como “professoras da folia”.

Segundo a pesquisadora, elas eram “ricamente fantasiadas, adornavam os carros alegóricos nos préstitos carnavalescos e mais tarde dançavam e ceavam com os integrantes das sociedades carnavalescas nos bailes dos teatros ou dos hotéis de luxo”. Elas eram carinhosamente chamadas de “diletas filhas do amor”.

Núcleo da Unicamp coordena um estudo supra-institucional que deve pautar a p

Uma ferramenta para o

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Luiz Inácio Lula da Silva, ex-metalúrgico que iniciou a vida política buscando melhorar o dia-a-dia de quem torneava parafusos, vai assumir a Presidência da República tendo em mãos uma ferramenta capaz de nortear suas propostas para a recuperação da indústria nacional. Trata-se de um diagnóstico profundo de vinte cadeias produtivas – da automotiva à cerâmica – como não se realizava havia dez anos. Nele se avalia o impacto sobre a indústria brasileira do processo de negociação de uma área de livre comércio nas Américas (Alca) ou de igual acordo entre Mercosul e União Européia, ou de ambos os casos. E nele se propõem estratégias para fortalecer a competitividade do Brasil no mercado externo.

O estudo é coordenado pela Unicamp e tem a participação da USP, UFRJ e outras instituições. Foi encomendado pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio ao Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) da Universidade, no segundo semestre de 2001. A primeira fase do trabalho englobou dez cadeias produtivas, que em função de sua importância na economia brasileira – empregos que geram, peso na balança comercial – poderiam ser “vítimas” das negociações de áreas de livre comércio. A rápida geração de resultados levou à ampliação da pesquisa para vinte cadeias, com o segundo lote financiado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia.

“Procuramos identificar as oportunidades e ameaças que surgem para esses setores em qualquer um dos cenários de negociação. Não é um trabalho fácil, pois a indústria brasileira é muito heterogênea: convivem num mesmo setor uma empresa fortíssima (capitalizada, de grande dinamismo e desempenho exportador) e uma empresa média ou pequena fragilizada, sem recursos financeiros ou acesso ao mercado externo. Não há um setor que só tenha a ganhar e outro que só tenha a perder, mas oportunidades e ameaças para todos”, afirma o professor Mariano Laplane, que coordena a pesquisa no âmbito do NEIT. A coordenação geral, incluindo o trabalho de outras instituições, é do professor Luciano Coutinho, também da Unicamp.

Quatro grupos – Considerando os tipos de empresas, seus mercados e dificuldades, chegou-se a quatro grupos de setores. No grupo 1, com grau maior de competitividade, estão os setores de siderurgia, café, citrícola, papel e celulose, têxtil e confecções. “Para setores onde há oportunidades externas, as recomendações têm a ver com a política comercial. A Alca ou um acordo entre Mercosul e União Européia só valem a pena se os produtos brasileiros gozarem de abertura efetiva. Se um país remove a tarifa, mas mantém outras barreiras, nosso produto continua sem poder chegar lá. Quando, por exemplo, oferecemos aos Estados Unidos o que não oferecemos a nenhum outro país, nosso acesso ao mercado norte-americano também precisa ser privilegiado”, adverte Laplane.

Ainda quanto ao grupo 1, o pesquisador afirma que não basta a negociação política para abrir as portas. Competitividade, segundo ele, implica fazer com que esses setores se preparem para explorar e também criar as oportunidades, independentemente de se defender das ameaças de um livre mercado. “As empresas devem agregar valor ao que exportam. E melhor exportar suco de laranja pasteurizado do que suco de laranja concentrado; ou um sapato com design, uma marca, do que estes que se vendem em supermercados a preço baixo”, exemplifica o professor. Outra recomendação, em casos determinados, é a internacionalização da empresa, cuidando da distribuição de seu produto no país comprador, senão por ela própria, por meio de um parceiro local.

Ganhando tempo – O segundo grupo de setores – petroquímica, plástico, bens de capital – precisa passar por uma reestruturação completa para sobreviver num mercado aberto. A política, então, é a de ganhar tempo, caso contrário os acordos comerciais terão ali efeitos muito

versos. “Deve haver muito cuidado e critérios nos prazos para abertura. Diminuir o número de empresas, fortalecendo-as através de compras, alianças, fusões, talvez seja boa saída. Além disso, elas carecem de grande financiamento para que se atualizem, aprendam e renovem. A política comercial é ganhar tempo, a política de competitividade é aproveitar esse tempo para pôr o setor em outras bases”, raciocina Mariano Laplane.

No grupo 3 estão os setores chamados de “pouco sensíveis”: cosméticos, cerâmica, madeira e móveis. Para eles há oportunidades e ameaças, mas localizadas, pois somente alguns pequenos grupos de empresas nacionais têm a oportunidade de exportar. “Mesmo as indústrias de móveis e madeira, que poderiam internacionalizar parte da produção, não colocam grandes desafios e urgências para o Estado”, afirma o professor.

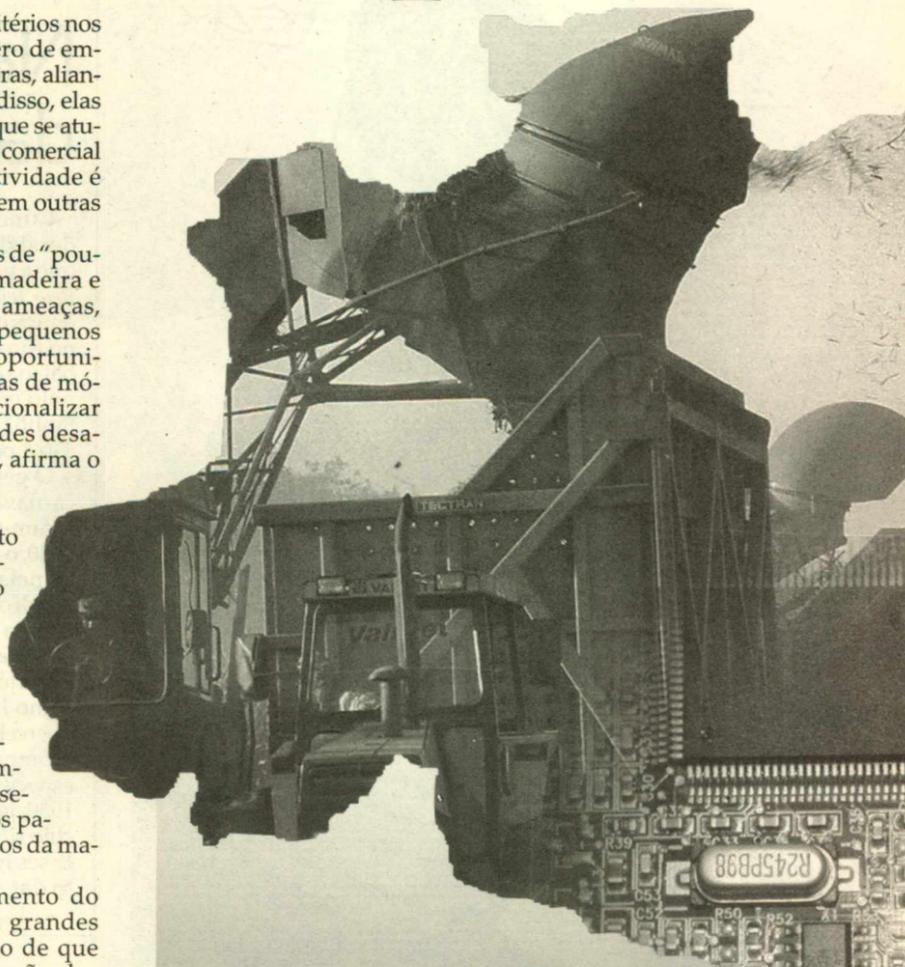
As multinacionais – O quarto grupo é onde predominam as empresas estrangeiras. É um grupo heterogêneo, com alguns setores mais competitivos que outros, como o automobilístico, farmacêutico, de informática, de telecomunicações, de eletrônica de consumo.

Laplane observa, porém, que todos têm uma característica comum e importante: o comércio “intrafirma”, ou seja, a filial brasileira mandando produtos para a filial de outro país, trazendo produtos da matriz, etc.

A proposta apresentada no documento do NEIT é de muita negociação com as grandes corporações internacionais, no intuito de que suas matrizes invistam na transformação das plantas industriais no Brasil em plataformas de exportação. Aparentemente, a iniciativa fere os interesses das multinacionais, mas Laplane lembra um exemplo de negociação viabilizada: “Passamos a exportar para os EUA telefones celulares, um produto que o Brasil sequer fabricava há cinco ou seis anos. De repente, aparecemos no mapa como exportadores de celulares. O que mudou no país? Talvez sejam os investimentos em C&T, mas duvido. A verdade é que uma matriz descobriu a existência de capacidade ociosa e baixo custo no Brasil e decidiu exportar a partir das fábricas instaladas aqui”, conclui.

Desafio – O professor ressalta que as multinacionais são a área de especialização do NEIT, em que o grupo atua há oito anos. Por isso, insiste que negociar com essas corporações é um desafio prioritário na política industrial. “O Brasil tem pouca ou nenhuma experiência nesse sentido, mas outros governos negociam com empresas estrangeiras desde sempre. Precisamos deste aprendizado. Já que nossa indústria se desnacionalizou – boa parte se tornou um subsistema do sistema internacional –, então precisamos convencer as multinacionais a serem parceiras do país”, defende Laplane. E conclui: “Se me permite uma metáfora grosseira, seria como ganhar a Copa do Mundo com uma seleção de jogadores estrangeiros. Isto é bom e é ruim, pois abre o risco de um jogador como o Figo, jogando por nós, fazer um gol contra frente a Portugal. Mas muitos adorariam ter um Real Madrid com a camisa amarela. A arte da negociação não é fácil”.

Um profundo diagnóstico de 20 cadeias produtivas, que não se fazia havia 10 anos



Importância das 17 cadeias selecionadas*, 1989-2001

	Faturamento ** (A)	% de (A) na Indústria	% EE*** em (A)	% EXP	% IMP
1989				69,81	51,00
1996	267.658	49,90	35,93	63,71	65,77
1997	281.354	50,65	47,88	63,83	69,83
1998	282.918	51,84	51,07	64,58	71,13
1999	308.038	52,36	52,22	62,68	69,64
2000	310.453	53,10	51,83	63,18	67,07
2001				56,95	68,40

* Por questões metodológicas foram excluídas desta síntese três das cadeias estudadas: construção naval, complexo de saúde e biotecnologia no agronegócio.

** R\$ milhões constantes de 2000 (IPA-industrial)

*** Participação de Empresas Estrangeiras (EE)

Fonte: NEIT-IE-UNICAMP a partir de IBGE-PIA e SECEX

Cadeias deficitárias em 2001 (saldo em US\$ milhões)

Participam de 30,2% do Faturamento Industrial, 18,6% das Exportações Brasileiras e 51,9% das Importações Brasileiras

	Saldo UE	Saldo Nafta	Saldo Mundo
Informática	-1.143,9	-1.460,5	-4.636,1
Bens de Capital	-2.793,6	-1.596,5	-4.583,8
Petroquímica	-1.041,8	-1.271,8	-3.204,9
Farmacêutica	-1.022,4	-581,6	-2.487,7
Teleequipamentos	-830,4	-353,5	-2.015,9
Eletrônica de Consumo	-91,4	-39,7	-636,9
Têxtil	-46,5	50,1	-213,1
Plásticos	-193,2	-119,5	-162,9
Cosméticos	-74,4	-23,0	-47,8
Total Deficitárias	-7.237,6	-5.396,0	-17.989,1
Total 17 Cadeias	-4.394,3	-296,9	-4.862,0

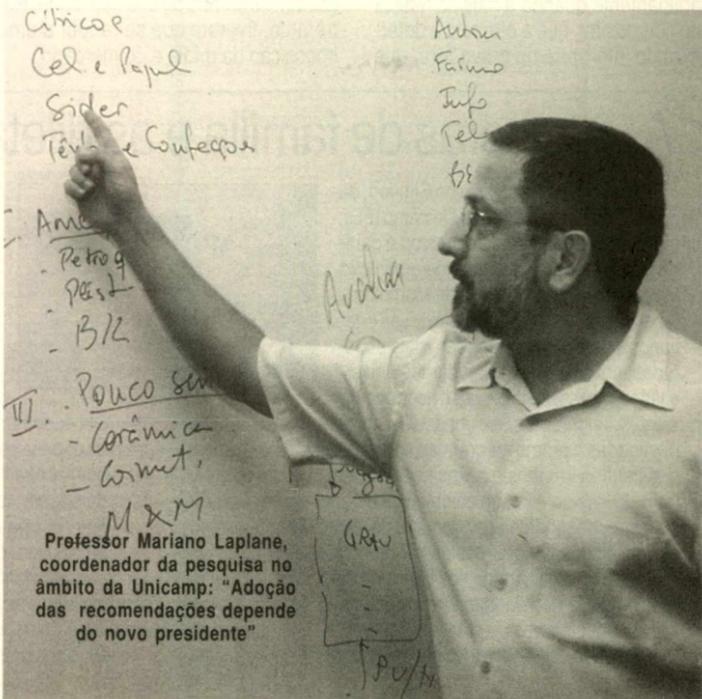
A expectativa

O professor Maurício Laplane está certo de que o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva vai analisar com seriedade o projeto coordenado pelo NEIT e que lhe será encaminhado pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Contudo, segundo o pesquisador, “a adoção das medidas propostas depende do novo governo”, diz.

O doutorando Rodrigo Sabbatini, que auxilia Laplane nos trabalhos do núcleo da Unicamp, é mais enfático quanto à aplicação das propostas: “Pessoalmente, acho que num governo do PT as decisões podem ser tomadas de maneira mais tranquila, mesmo porque boa parte dos empresários que

aprovam as idéias do projeto apoiou a candidatura de Lula”, afirma. Ele lembra que o próprio vice-presidente eleito, José Alencar, é um grande empresário da indústria têxtil, um dos setores que mais sofreram nos últimos anos.

“Há uma agenda de desenvolvimento industrial a ser definida no país, cada vez mais premente. Fizemos um esforço enorme para aumentar a competitividade da indústria, talvez não pelo caminho certo, até por uma necessidade de sobrevivência das empresas nos anos 90. O fato é que a abertura provocou uma melhora e hoje a indústria brasileira é mais competitiva que há 10 anos, em-



Professor Mariano Laplane, coordenador da pesquisa no âmbito da Unicamp: “Adoção das recomendações depende do novo presidente”

Política para recuperação da indústria e aumento das exportações

próximo governo

Estudo de Competitividade por Cadeias Integradas

Projeto de Pesquisa MDIC/FINEP/NEIT-IE-UNICAMP/IE-UFRJ/FEA-USP

■EQUIPE DE COORDENAÇÃO

Luciano Coutinho (IE-UNICAMP)
Mariano Laplane (IE-UNICAMP)
David Kupfer (IE-UFRJ)
Elizabeth Farina (FEA-USP)

PRIMEIRO GRUPO DE CADEIAS

■Automobilística
Fernando Sarti (NEIT-IE-UNICAMP)
■Bens de capital
Roberto Vermulm (USP)
■Eletrônica de consumo
Mauro Thury V. Sá (UNICAMP)
■Farmacêutica
Jacob Frenkel (UFRJ)

■Informática

José R. Dória Porto (NEIT-IE-UNICAMP)

■Papel e celulose

Maria da Graça D. Fonseca (UFRJ)

■Petroquímica

João Furtado (UNESP)

■Plásticos

Maria Carolina Souza (NEIT-IE-UNICAMP)

■Siderurgia

Germano M. de Paula (UFU)

■Tele-equipamentos

Rafael Oliva (CELAET)

SEGUNDO GRUPO DE CADEIAS

■Biotecnologia-agronegócios

John Wilkinson (UFRRJ)

■Biotecnologia-complexo Saúde

Carlos Gadelha (Fiocruz)

■Café

Maria Sílvia Maccioni Saes (USP)

■Cerâmica

Galeno Ferraz (UFRJ)

■Cítricos

Marcos Neves (USP)

■Construção naval

João Carlos Ferraz (UFRJ)

■Cosméticos

Renato Garcia (Poli/USP)

■Couro/calçados

Achyles Barcelos (UNISINOS)

■Madeira/móveis

Márcia Azanha (USP)

■Têxtil/confeções

Victor Prochnik (UFRJ)

OPORTUNIDADES

■**Bolsas** – A rede internacional, Clacso, recebe inscrições para o concurso de projetos para jovens pesquisadores da América Latina e Caribe. Informações: (54 11) 4811-6588/ 4812-8459 e Fax: (54 11) 4812-8459 Endereço eletrônico: movi-jov@campus.clacso.edu.ar, www.clacso.edu.ar e www.clacso.org.

■**Software** – Curso de Gerência de Configuração de Software no dia 11 de novembro no Centro de Pesquisas Renato Archer (Cenpra). A promoção é do Núcleo Softex Campinas e o objetivo é fornecer aos participantes um panorama sobre o assunto, abordando conceitos básicos e estudo de caso de implantação em uma empresa. O Cenpra fica na Rodovia Dom Pedro I, km 143,6, Bairro dos Amarais. Informações e inscrições: (19) 3287-7060 ou tibeti@cps.softex.br.

■**Informática** – O Centro de Computação da Unicamp e a Agência para a Formação Profissional da Unicamp estão oferecendo no mês de novembro, mais turmas do Auto-estudo "Introdução à Informática". O treinamento visa atender as pessoas que nunca usaram um computador, e que precisam utilizá-lo. O aluno aprende sozinho, sem professor. O curso tem duração de três horas. Datas e períodos disponíveis em www.ccuac.unicamp.br/treinamentos/autoestudos/programacao/prog_autoestudo.html. Interessados agendar horário com Theres ou Evelin pelos telefones 3788-2258 ou 3788-2259 até 13 de novembro.

■**Triagem auditiva** – Inscrições abertas para a palestra "Triagem Auditiva Neonatal" com a professora Marisa Neonato de Azevedo, da Universidade Federal de São Paulo dia 13 de novembro, no Anfiteatro 1 (Lagoândia). Informações: 3788-8814 com Alcides.

■**SBPC** – Primeiro prazo de inscrição para autores que enviarão trabalhos para a 55ª Reunião Anual da SBPC de 20 de novembro a 20 de dezembro. As inscrições realizadas neste prazo garantirão vantagens exclusivas: desconto de 50% no valor da inscrição; segunda análise para trabalho não aceito; resposta da análise do trabalho em fevereiro/2003. Mais informações no site: www.sbpcnet.org.br/eventos/55ra.

■**Trabalho e sindicalismo** – O Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit) do Instituto de Economia recebe até 22 de novembro as inscrições para o Curso de Especialização "Economia do Trabalho e Sindicalismo". As aulas começam em 10 de março de 2003. O curso visa a formação de profissionais para ocupar posições de assessoramento ou direção de órgãos públicos e privados no campo da economia e relações de trabalho. Informações: 3788.5713/3788.5735/37885736 ou e-mail: posgrad@eco.unicamp.br.

■**Educação e Comunicação** – 1º Simpósio de Educação e Comunicação de Campinas (Secom) com o tema "Os meios de comunicação na construção do conhecimento: ainda um desafio" será realizado no dia 27 de novembro, no Salão Nobre da Faculdade de Educação. O objetivo é criar espaço para a reunião de pesquisadores, professores e outros interessados na relação educação e comunicação. As inscrições são gratuitas, mas limitadas. Enviar um e-mail para os endereços: aldo@unicamp.br, iruberti@unicamp.br e kassy@unicamp.br.

■**Competição virtual** – A empresa de cosméticos L'oréal lança, pelo terceiro ano consecutivo, o E-strat Challenge, uma competição Internacional virtual, em parceria com empresas como Strat-X e Business Week. Os estudantes brasileiros classificados para participar da competição, terão os seus nomes incluídos no banco de talentos da empresa. A melhor equipe brasileira receberá como prêmio um pacote turístico de uma semana em uma localidade brasileira. Inscrições e regulamentos no site da competição www.e-strat.loreal.com. Prazo: 2 de dezembro.

Esforço coordenado

O Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) da Unicamp está finalizando um documento que sintetiza os diagnósticos e recomendações do Estudo de competitividade por cadeias integradas: um esforço coordenado de criação de estratégias compartilhadas. Participaram do projeto, além da coordenação, vinte consultores da Unicamp, USP, UFRJ, UFRRJ, Unisinos, Fiocruz, Politécnica da USP e Unesp de Araraquara.

A coordenação geral foi do professor Luciano Coutinho, da Unicamp. A coordenação pela USP coube à professora Elizabeth Farina e, pela UFRJ, ao professor David Kupfer. Juntando-se o pessoal do Ministério do Planejamento, MCT, Ministério das Relações Exteriores, IPEA e BNDES, uma centena de profissionais atuaram diretamente no projeto. Os estudos foram revistos duas vezes, em workshops com empresários, representantes do governo e especialistas de outras instituições. Também foram apresentados ao ministro Sérgio Amaral e sua equipe técnica.

Mergulhado na síntese do calhamaço de informações (média de 120 páginas para cada um dos vinte estudos de cadeias produtivas) que acabará na mesa do futuro presidente da República, o pesquisador Rodrigo Sabbatini, do NEIT, recorda que a Unicamp também foi convidada a realizar diagnóstico concluído em 1993, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB). "Passaram-se quase dez anos, desde a época em que a palavra 'política industrial' era considerada pecaminosa, até que se produzisse este legado para o próximo governo".



Rodrigo Sabbatini, pesquisador do NEIT: "Este diagnóstico é um legado para o próximo governo"

Cadeias superavitárias em 2001 (saldo em US\$ milhões)

Participam de 23,8% do Faturamento Industrial, 38,3% das Exportações Brasileiras e 16,5% das Importações Brasileiras

	Saldo UE	Saldo Nafta	Saldo Mundo
Siderurgia	1.640,7	1.237,0	5.569,3
Couro e Calçados	452,2	1.257,1	2.259,3
Papel e Celulose	267,1	97,2	1.418,0
Café	721,3	210,6	1.407,1
Madeira e Móveis	334,0	447,4	1.278,2
Citricola	624,3	126,0	901,4
Cerâmica	-18,5	90,8	188,5
Automotiva	-1.177,8	1.633,2	105,2
Total Superavitárias	2.843,4	5.099,2	13.127,0
Total 17 Cadeias	-4.394,3	-296,9	-4.862,0

de correções na rota

bora não o bastante", afirma Laplane. Em contrapartida à timidez do avanço, o professor acusa o custo altíssimo para o país, que poderia ter sido evitado. "Custo de divisas e custo de emprego, porque a estratégia escolhida foi a de submeter a indústria a uma pressão da concorrência externa muito maior, sem oferecer os instrumentos para que ela pudesse se sair bem nesse confronto. Ou seja, taxas de juros altíssimas com uma taxa de câmbio totalmente errada, com uma economia que cresceu pouquíssimo por dois ou três anos e que, quando começou a tomar impulso de 95 a 97, rapidamente entrou em novo período de instabilidade, que já dura cinco

anos". O pesquisador da Unicamp afirma que a indústria acabou submetida ao desafio de sobreviver a uma economia muito mais aberta que antes, mas em condições muito desvantajosas. "Isto fez com que, no intuito de sobreviver, cada empresa adotasse a estratégia do menor custo possível. Menor custo possível é trazer um equipamento importado e pôr o trabalhador na rua. Uma estratégia que garantiu a sobrevivência da empresa, mas arrebentou com as contas externas e destruiu empregos em grandes quantidades", adverte. Segundo Laplane, o processo de a-

bertura em contexto diferente – com outra política econômica, juros e câmbios mais adequados, incentivos de crescimento contínuo em cinco ou seis anos (e não apenas em três) – poderiam ter resultado em igual ou maior competitividade, mas com destruição de empregos e déficit acumulado na balança comercial bem menores. "Algumas empresas têm muita competitividade e só não exportam mais por causa das barreiras. Mas, de modo geral, as empresas vêm a nova rodada de abertura na Alca e União Européia com forte apreensão".

Meta é valorizar servidores e consolidar curso de Arquitetura e Urbanismo

Requena é o novo diretor da FEC

NADIR ANTONIA PEINADO
nadir@reitoria.unicamp.br

O professor João Alberto Venegas Requena é o novo diretor da Faculdade de Engenharia Civil (FEC) da Unicamp. A nomeação pelo professor Carlos Henrique Brito Cruz, reitor da Unicamp, ocorreu no dia 31 de outubro, em cerimônia realizada no auditório da FEC. Requena assumiu a diretoria após um mandato de dois anos como diretor associado da Faculdade, em substituição ao professor Luiz Roberto Sobreira de Agostini, que se aposentou. O novo diretor traçou metas para todas as áreas da Faculdade. No setor administrativo, pretende valorizar os funcionários com a implantação de programas de supletivos e de qualificação. Na graduação, diz, tem como meta consolidar o curso de Arquitetura e Urbanismo, ministrado no período noturno, melhorando a estrutura administrativa, laboratórios e ampliando o quadro de funcionários.

Outro passo é integrar a Faculdade de Engenharia Civil com o curso de Arquitetura e Urbanismo para que o aluno tenha em sua profissão uma visão mais ampla do trabalho. "Para obter uma perfeita integração, terei ao meu lado uma arquiteta como diretora associada, a professora Doris Kowaltowski", afirma.

A pós-graduação e a área de pesquisa também terão sua atenção, para que, ainda no primeiro ano de sua gestão, a nota

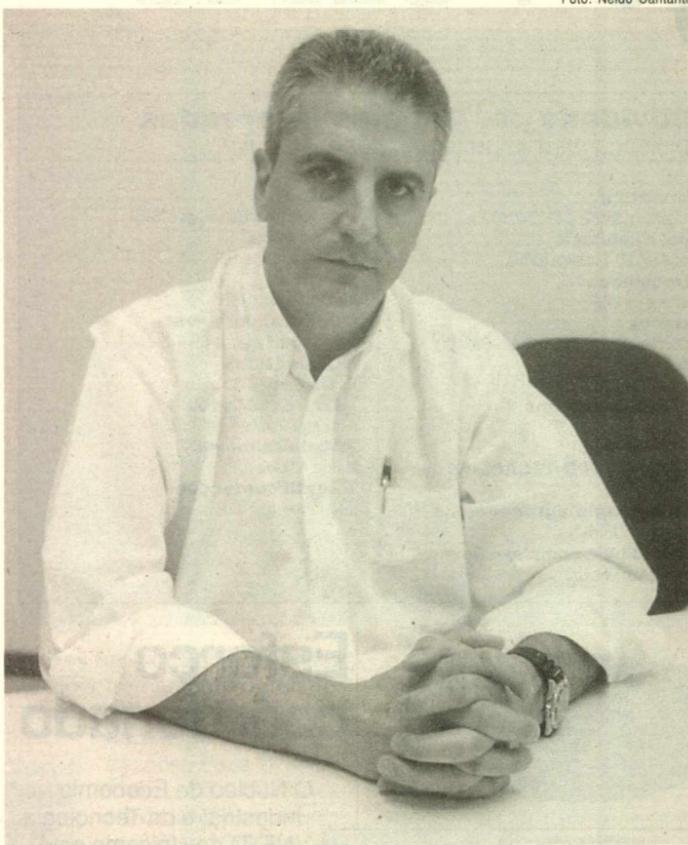


Foto: Neldo Cantani

O professor Requena: novos prédios entregues até o final do mandato

dada pela Capes para os cursos da FEC seja elevada de 4 para 5 e que, progressivamente, até o final de seu mandato, atinja a nota máxima, 7. Outro alvo igualmente importante para o novo diretor é incrementar os cursos de extensão, especialmente a revitalização de convênios. Na Coordenadoria de Projetos, o novo diretor pretende manter o incentivo e expandir ainda mais os serviços prestados à

Universidade, no desenvolvimento de projetos de engenharia e arquitetura.

Considerando que a FEC foi transferida de Limeira para Campinas em 1989 e ainda não está totalmente instalada em prédio próprio, Requena pretende entregar até o final de seu mandato, todo o complexo de edifícios, cerca de 5.320 m². Parte da construção que irá alojar as novas salas de aulas já está em andamento, bem como o projeto dos demais prédios.

Arquiteta assume como diretora associada

TESES

DA SEMANA

Educação – "Avaliação da aprendizagem e formação de professores de física para o ensino de nível médio" (doutorado). Candidato: Jomar Barros Filho. Orientador: professor Dirceu da Silva. Dia 5 de novembro, às 14 horas, na Sala Defesa Bl. A - 1.º andar.

Educação Física – "Medição da Força Propulsora – Mente e Emprego do "Nado Amarrado" e sua Relação com a Velocidade Básica de Nadadores" (mestrado). Candidato: professor Paulo Cezar da Silva Marinho. Orientador: professor Orival Andries Júnior. Dia: 7 de novembro, às 14 horas sala da Congregação.

Engenharia de Alimentos – "Fungos degradadores de compostos orgânicos recalcitrantes sob condições microaeróbia e anaeróbia. Candidato: Isis Serrano Silva. Orientador: professora Lucia Regina Durrant. Dia 5 de novembro, às 9h30, no Salão Nobre da FEA.

"Efeito da interação genótipo x ambiente no Estado de São Paulo sobre parâmetros de qualidade do trigo e nas características físico-químicas e funcionais do amido" (doutorado). Candidata: Maria Antonia Calori Domingos. Orientador: professor César Francisco Ciaccio. Dia 5 de novembro, às 14 horas, no Salão Nobre da FEA.

Engenharia Elétrica e de Computação – "Uma Introdução à Engenharia de Tráfego Através de Programas de Ensino pela Internet" (mestrado). Candidato: Leonimer Flávio de Melo. Orientador: professor Luís Geraldo Pedrosa Meloni. Dia: 4 de novembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPF/FEEC – Térreo.

"Aplicações de Sistema Autônomo Móvel com Aprendizado" (mestrado). Candidato: Lubnen Name Moussi. Orientador: professor Marconi K. Madrid. Dia: 7 de novembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG-FEEC - 3º Piso.

"Eficiência dos Protocolos TCP/RLP sobre Sistemas sem Fio WCDMA Usando Arranjos Lineares de Antenas" (mestrado). Candidato: Teógenes Brito da Nóbrega. Orientador: professor Celso de Almedia. Dia: 8 de novembro, às 14 horas, sala de Defesa de Teses da CPG/FEEC – Térreo

Engenharia Mecânica – "Microestrutura de Solidificação e Propriedades de Ligas Eutéicas no Sistema Fe-Al-Nb" (doutorado). Candidata: Marilisa Aparecida Mota. Orientador: professor Rubens Caram Junior. Dia: 5 de novembro, às 9 horas, no auditorio do Bloco I, 2º piso.

"Contratação de Produtos e Serviços de Software" (mestrado). Candidata: Angela Maria Alves. Orientadora: professora Ana Cervigni Guerra. Dia: 6 de novembro, às 10 horas, no auditorio Bloco K da FEM.

Odontologia – "Análise das necessidades de tratamento odontológico dos pacientes atendidos no serviço de triagem-semiologia da FOP-Unicamp" (mestrado). Candidato: Sílvia Maria Paparotto Lopes. Orientador: professor Oswaldo Di Hipólito Junior. Dia: 6 de novembro, às 9 horas, na FOP.

"Efeito do número de ciclos térmicos sobre as propriedades de deformação permanente dos materiais reembasadores resilientes e resistência à tração da união com a resina acrílica" (doutorado). Candidato: José Renato Ribeiro Pinto. Orientador: professor Marcelo Ferraz Mesquita. Dia 7 de novembro, às 8h30, na FOP.

"Análise comparativa das variações de tempo de exposição, tipo de processamento e do efeito da degradação das soluções processadoras na qualidade da imagem radiográfica" (mestrado). Candidato: Marcia Leal Spinelli Casanova. Orientadora: professor Francisco Haiter Neto. Dia: 8 de novembro, às 9 horas, na FOP.

Química – "Estudo fitoquímico do gênero Himenaea. Estudo de complexação do ácido ózico com ferro-pentacarbonila e sua decomposição para obtenção de derivados odoríferos de âmbar-gris" (doutorado). Candidata: Rosana Aparecida Giacomini. Orientador: professor Paulo Mitsuo Imamura. Dia 8 de novembro, às 8h30, no Auditório IQ-17.

Programa busca talentos no ensino médio

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Ciência nas Férias, um programa de estágio em ciência instituído pela Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP) da Unicamp e dirigido a alunos do ensino médio, começa a funcionar a partir de janeiro e pretende atrair alunos com um talento especial para a pesquisa.

Segundo o pró-reitor de Pesquisa, professor Fernando Costa, cerca de 100 escolas de Campinas e região indicarão até três alunos cada, visando a um projeto para o qual serão selecionados 30 estudantes que desenvolverão atividades programadas em laboratórios de pesquisa da Universidade.

O programa utiliza como modelo experiências de estágio de férias em instituições do exterior e um piloto muito bem-sucedido do Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética (Cebmeg) da Unicamp. Agora, a prática será estendida a outros laboratórios da Universidade que se interessarem pelo programa.

A indicação dos alunos será feita através de formulário próprio e devidamente justificada pela direção das escolas. Os critérios para seleção incluem carta de recomendação de professores da área em que o aluno pretende realizar o estágio, participação em atividades extracurriculares preferencialmente associadas a experiência e desempenho escolar, além de um texto em que o aluno justificará por que deseja

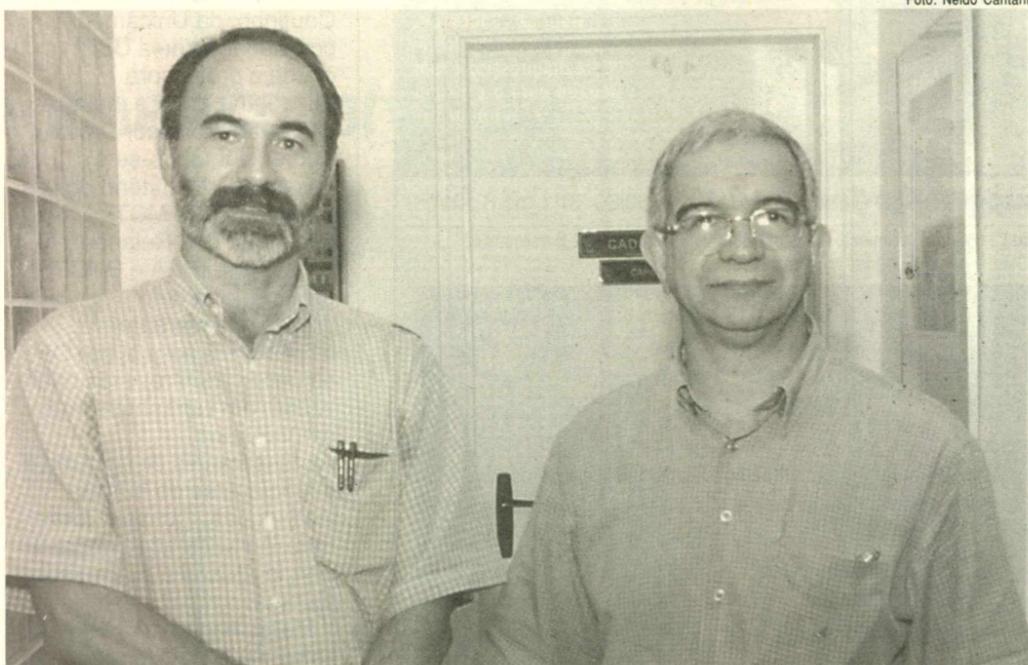


Foto: Neldo Cantani

Os professores José Roberto França Arruda e Fernando Costa: proporcionando ambiente de pesquisa científica aos jovens

realizar o estágio.

Fernando Costa afirma que um dos objetivos é proporcionar ao aluno de ensino médio o acesso a um ambiente de pesquisa científica em que possa manter contato com estudantes de graduação, de pós-graduação, de pesquisadores e professores. "O propósito é que, conhecendo de perto as pesquisas desenvolvidas numa grande universidade, o aluno possa ter seu interesse despertado e direcionar sua carreira para algumas dessas áreas", disse.

Projetos – Os laboratórios da Unicamp interessados em rece-

ber um estagiário do programa Ciência nas Férias podem submeter seus projetos à apreciação da comissão julgadora, formada por docentes da Unicamp. Os aprovados receberão auxílio financeiro, obtendo recursos de até uma cota Faep (Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa) no valor de R\$ 4 mil.

O estágio não prevê remuneração aos alunos, que, no entanto, terão direito a auxílio-alimentação, transporte e seguro-saúde. "Trata-se de um pré-iniciação científica. Com o estágio, os alunos das primeiras e segundas séries ficarão motivados a se dedicarem mais à terceira série, preparando-se melhor para o vestibular da Unicamp ou de ou-

tras universidades cuja ênfase seja a pesquisa", explica o professor José Roberto França Arruda, assessor da PRP.

De acordo com ele, a procura por carreiras científicas no Brasil ainda é pequena. "Entretanto, a experiência do Cebmeg indica que os egressos deste tipo de programa geralmente demonstram um desempenho escolar mais efetivo e entram em boas universidades, seja na área em que fizeram o estágio, seja em outras".

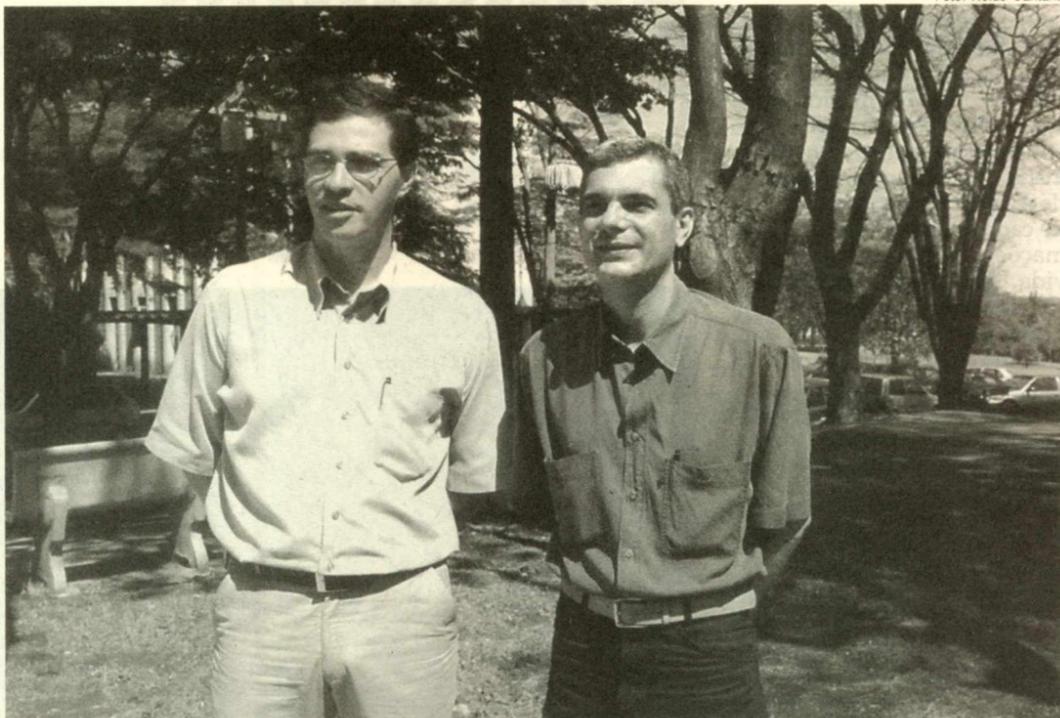
Os professores interessados têm até o dia 11 de novembro para inscrever seus laboratórios. As informações a respeito estão no site da Pró-Reitoria <http://www.prp.unicamp.br/ciencianaferias>.

Diretor quer estreitar laços entre Colégio e unidades universitárias

Ex-aluno assume Cotuca

Foto: Neldo Cantanti

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br



Os professores Geraldo (à direita) e Reis: mudança do Cotuca para o campus facilitará integração

■ **Fapesp**

25 de outubro - Em São Carlos, pesquisadores desenvolvem técnica que usa laser na identificação do cancro cítrico. A técnica - inédita no mundo - está em desenvolvimento num dos braços do Centro de Pesquisa em Óptica e Fotônica (Cepof), localizado no Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos (o outro braço fica no Instituto de Física da Unicamp), um dos dez Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepids) financiados pela Fapesp.

■ **Estadao.com.br**

25 de outubro - Índios brasileiros e povos do sudeste da Ásia e ilhas do Pacífico têm algo mais comum além dos olhos puxados. Uma pesquisa realizada pela bióloga Daniela Maria Ribeiro, para sua dissertação de mestrado, apresentada à Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, mostra que os índios paracanã e xicrin, que vivem no sul Pará, são aparentados geneticamente com populações da China, Índia e Indonésia.

22 de outubro - A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) inaugurou ontem, em Campinas, o seu Núcleo de Bioinformática (NBI), que permitirá fazer, por meio de simulações em computadores, análises da estrutura e das funções de proteínas. Há uma parceria também com a Unicamp, que fornece estagiários para trabalhar no NBI.

■ **JB on-line**

25 de outubro - Se ganhar a eleição, Lula dará prioridade a programas de alimentação e emprego. Segundo o professor José Graziano da Silva, do Instituto de Economia da Unicamp e um dos principais assessores econômicos de Lula, seriam necessários de R\$ 4 bilhões a R\$ 5 bilhões para iniciar o programa Fome Zero no ano que vem e entre R\$ 600 milhões e R\$ 800 milhões para a fase inicial do Primeiro Emprego.

23 de outubro - A crise do emprego no Brasil é realmente muito grave, como um paciente com febre altíssima, avalia o economista Márcio Pochmann, professor da Unicamp e secretário de Trabalho da prefeitura de São Paulo no governo petista de Marta Suplicy.

■ **Folha de S. Paulo**

25 de outubro - O número de candidatos por vaga nos três cursos mais procurados da Unicamp nos últimos dois anos - medicina, ciências biológicas (diurno) e ciências da computação (noturno) - apresentou redução neste vestibular.

■ **O Globo**

23 de outubro - Usar estudantes para vender drogas diretamente nas festas universitárias é a nova estratégia dos traficantes da região de Ribeirão Preto, segundo a polícia. Nesta quarta-feira (23), as três universidades públicas do Estado de São Paulo - USP, Unesp e Unicamp - estão realizando uma campanha de combate ao uso indevido do álcool, considerado a "porta de entrada" para outras drogas, com a distribuição de folhetos, apresentação de filmes e debates.

Inserir o Colégio Técnico de Campinas (Cotuca) no ambiente físico e cultural da Unicamp. Com esta proposta, o professor Armando José Geraldo, ex-aluno do Cotuca, assumiu no dia 31 de outubro a direção do Colégio pelos próximos quatro anos, em lugar do professor Michel Sadalla Filho. Como diretor associado, assume o engenheiro mecânico Marcelo de Carvalho Reis. A idéia, segundo Geraldo, que venceu a consulta realizada em setembro último, é estreitar os laços com as unidades universitárias e assim aumentar as formas de cooperação. Ele explica que esta integração será incrementada com a vinda do Cotuca para o campus, prevista para meados de 2004. "Além de possibilitar a participação dos alunos em projetos nas suas áreas de interesse, também permitirá aos professores um maior envolvimento".

A verba, da ordem de quase R\$ 4 milhões, para as obras do Cotuca no campus está sendo parcialmente financiada pelo Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep), do Ministério da Educação. A liberação dos recursos envolve, além da construção das novas instalações - que somam mais de quatro mil metros quadrados -, a compra de equipamentos de última geração para as áreas de telecomu-

Objetivo é criar infraestrutura de ensino de alto nível

nicadas, eletrônica, informática, enfermagem, mecânica, plásticos e de outros cursos a serem criados. Com isso, Geraldo ressalta que haverá um significativo aumento do número de cursos e vagas. Atualmente o Colégio possui aproximadamente 1.500 alunos e oferece 780 vagas.

Outra proposta da nova direção, de acordo com o diretor associado, será buscar alternativas para aumentar os recursos extra-orçamentários. O objetivo é cri-

ar uma infra-estrutura de ensino de alto nível, voltada para a realidade do mercado. Para isso, Reis pretende recorrer à elaboração de projetos para agências de fomento, estreitar as relações da escola com as empresas e incrementar a atuação da unidade em cursos de extensão.

Currículo - O professor Armando José Geraldo cursou Eletrotécnica no Cotuca na turma de 1976. Fez Engenharia Elétrica na Universidade Presbiteriana Mackenzie e partiu para o campo de trabalho. Trabalhou vários anos com instala-

ções prediais e engenharia de projetos. Em 1987, voltou ao Cotuca, desta vez como professor no curso de Eletroeletrônica. Foi duas vezes chefe do departamento e participou de todas as instâncias de colegiados do Colégio. O professor Marcelo Reis é engenheiro mecânico formado pela Unicamp com mestrado e doutorado na Universidade. Foi chefe do departamento de plásticos da escola por duas vezes e atua ainda como colaborador na graduação e em trabalhos de pós-graduação na Faculdade de Engenharia Mecânica.

Deletando os problemas

Foto: Antoninho Perri

RONEI THEZOLIN
ronei@unicamp.br

Oferecer máquinas de qualidade com três anos de garantia, dedicar atenção especial à compra de equipamentos, conhecer a tecnologia usada nos componentes e promover a integração entre computadores e servidores de acesso. O conjunto dessas medidas forma a base do projeto "Integração", iniciado em 1999 pelo Centro para Manutenção para Equipamentos da Unicamp (Cemeq). Desde sua implantação, já foram montadas mais de 500 máquinas, distribuídas em 30 unidades da Universidade, gerando uma economia da ordem de R\$ 1 milhão, somente na aquisição de equipamentos. O trabalho do Cemeq faz com que os funcionários da Unicamp tenham à disposição máquinas mais confiáveis, com maior durabilidade e com baixo custo de manutenção.

O Cemeq tem capacidade para montar 15 máquinas/dia. A entrega é feita em 60 ou 90 dias, dependendo da configuração, além de respeitadas as disposições legais das licitações. Os componentes são comprados separadamente das vendas certificadas, garantindo a qualidade dos produtos e com vantagens diferenciadas em relação ao mercado corporativo. "Nós sabemos de quem e o que estamos comprando. O que nos dá o domínio da tecnologia das máquinas", afirmou José Alberto Nascimento da Fonseca Jr, supervisor da Área de In-



José Alberto Nascimento da Fonseca Jr, supervisor do Cemeq: "Dominamos a tecnologia das máquinas"

formática do Cemeq. A economia gerada por máquina montada dessa forma chega a 30%, no caso dos PC's, e 50%, nos servidores, se comparados aos produtos corporativos de empresas tradicionais. Com um parque estimado em 10 mil equipamentos, a Unicamp tem uma demanda anual de 2 mil máquinas. O Cemeq espera integrar 900 máquinas este ano e 2 mil em 2003. Como a taxa de falha ou de devolução é de apenas 2% por mês do total de

Projeto já gerou economia de R\$ 1 milhão

COMO SOLICITAR A INTEGRAÇÃO

Telefone - 37 88 50 62 e 3 7 88 50 63

Email - sac@cemeq.unicamp.br

Site: <http://www.unicamp.br/cemeq/informatica/>

Utilize corretamente equipamentos de informática:

Site - <http://www.unicamp.br/cemeq/informatica/hp/usecorretamente2.htm>

máquinas, o custo total da propriedade é extremamente reduzido.

"O maior ganho dessa política está na qualidade das máquinas", aponta o analista de sistemas José Luiz Silveira, diretor do Cemeq. "O conheci-

mento da tecnologia é fundamental para ter agilidade no atendimento ao cliente, qualquer que seja o tipo de equipamento", diz. "Também dispomos de uma infra-estrutura de suporte e assessoria ao cliente que queira adquirir equipamentos".

Pianista analisa e interpreta obra de Almeida Prado em sua tese no Instituto de Artes**LUIZ SUGIMOTO**

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Ele pega todos os acontecimentos bons e ruins da vida, joga para dentro dele e devolve em forma de música, numa composição pessoal e, ao mesmo tempo, tecnicamente bem trabalhada. Comparando a biografia de Almeida Prado com as obras de cada época se sabe de informações importantes sobre sua vida. "Ele é absolutamente denso", sintetiza a pianista Adriana Lopes da Cunha Moreira, que fez uma análise musical dos "16 Poesilúdios" para piano do compositor, em sua dissertação de mestrado defendida em 1º de novembro no Instituto de Artes da Unicamp.

"Quando decidi fazer mestrado procurei uma obra interessante tanto para analisar como para eu tocar. Gostava da maneira como Almeida Prado compunha, pesquisei sua obra e encontrei as 16 peças, as cinco primeiras compostas em 1983 e as outras, que possuem como subtítulo *Noites*, compostas em 1985. Elas têm uma construção interessante, que justapõe fragmentos musicais díspares, então quis compreender como o compositor havia conseguido dar unidade a um material tão múltiplo", recorda Adriana Lopes, justificando a escolha do tema. Como complemento da pesquisa, a pianista gravou um CD (*veja matéria na página*) com a reserva técnica da bolsa concedida pela Fapesp.

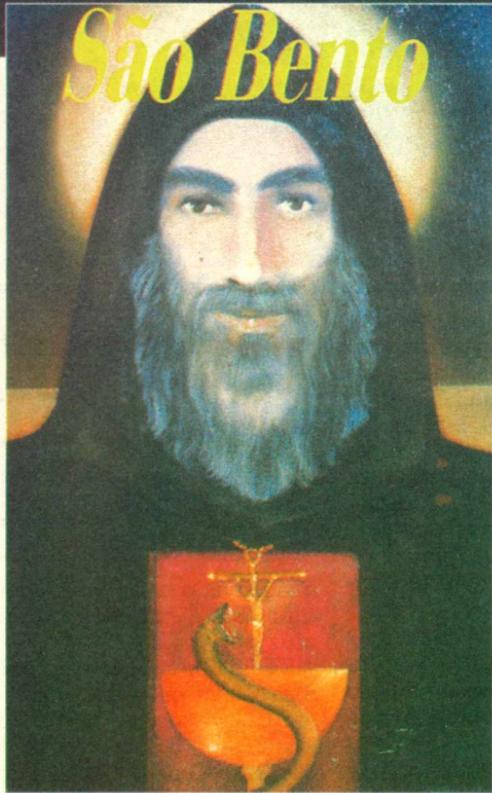
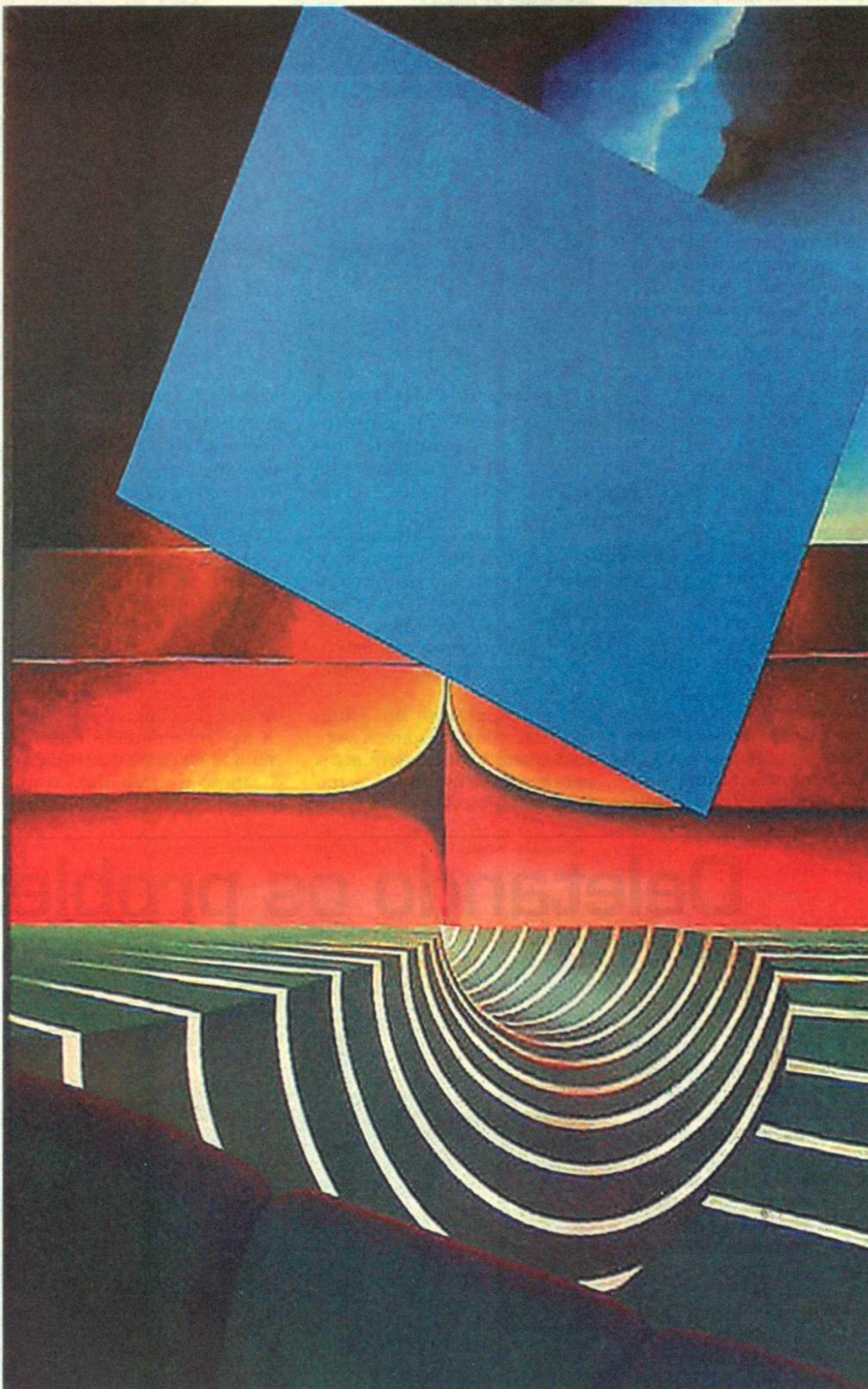
"Poesilúdio", termo criado pelo compositor, refere-se segundo ele "à metamorfose de um prelúdio. Uma poesia tratada como base para um prelúdio, sem que o texto seja interpretado por uma voz humana". Cada peça é dedicada a uma personalidade – artistas plásticos, escritores e amigos, a maioria ligada à Unicamp, visto que Almeida Prado foi professor do IA de 1975 a 2000 e diretor do Instituto de 1983 a 1987.

Só o ter flores pela vista fora / Nas áreas largas dos jardins exatos / Basta para podermos / Achar a vida leve, fragmento poético de Fernando Pessoa sob o heterônimo de Ricardo Reis, inspirou o Poesilúdio 1, que Prado compôs primeiramente para violão, como presente de aniversário ao então vice-reitor da Unicamp Ferdinando Figueiredo. "A peça tem uma linguagem ainda modal, que há muito tempo se faz na história da música, mas o compositor a utiliza de maneira inovadora, justapondo e sobrepondo os modos", explica Adriana.

Dias depois, ao ver um quadro de Bernardo Caro, vice-diretor do IA, o compositor notou que havia várias idéias na mesma tela e não uma só. Decidiu utilizar o recurso no Poesilúdio 2, uma colagem de informações diversas sem cognitividade. "Este foi o grande achado, que ele chamou de peça-matriz e originou muitas outras composições", afirma a pianista, que juntou à dissertação depoimentos de Almeida Prado colhidos pessoalmente e por telefone.

Assim surgiram as peças seguintes, nas quais a linguagem técnica musical é a da colagem de informações, mas a atmosfera é suscitada pela obra de arte. São homenageados, Ferdinando Figueiredo, Bernardo Caro, Suely Pinotti, Berenice Toledo, Sérgio Matta, Noboru Ohnuma, Marcos do Valle, Marcus Vinícius Pasini Ozores, Lúcia Fonseca Ribeiro, Fúlvia Gonçalves, Geraldo Porto, Cláudia Dal Canton, Maria Aparecida Pacca, Eustáquio Gomes e Durval Chechinato.

Emoções musicadas



A pianista Adriana Lopes da Cunha Moreira: "Almeida Prado é absolutamente denso"



Tudo em CD

A pianista Adriana Lopes está fazendo a estréia mundial da obra completa dos "16 Poesilúdios", inédita tanto nos palcos quanto em gravações. Para que pudesse conceber uma interpretação embasada, contou com o apoio do pianista Maurício Martin, atual coordenador do Departamento de Música do IA e com a orientação da professora Maria Lúcia Pascoal "que participou absolutamente de todos os passos deste trabalho", como Adriana faz questão de ressaltar. O CD que acompanha a dissertação de mestrado da pianista foi gravado na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, sendo que a verba da Fapesp permitiu a produção de 40 cópias. Adriana busca apoio para um possível lançamento comercial do CD, que pode trazer um livreto contendo análises de cada peça. Para que seu trabalho não fique numa prateleira e ninguém o veja, a pianista vem interpretando e analisando as peças para professores de piano e alunos em várias cidades. Esta divulgação também contribui para a lembrança dos 60 anos do compositor Almeida Prado, no ano que vem.

Reproduções fotográficas: Celso Palermo

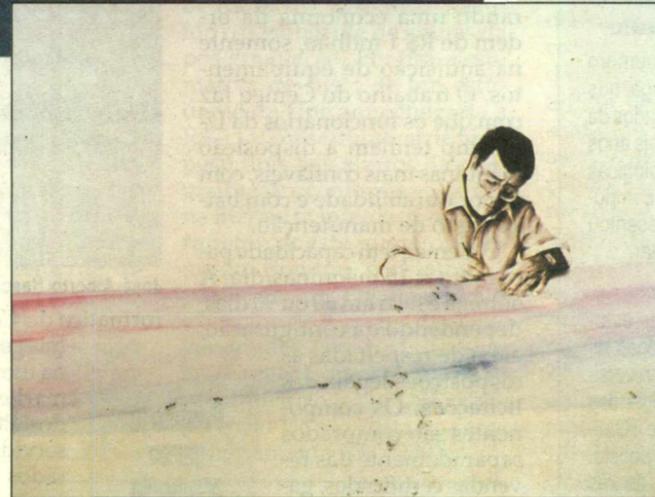
Cartas Celestes

Almeida Prado teve os mais renomados professores de composição e piano da época no Brasil: Camargo Guarnieri e Dinorá de Carvalho. Em 69, embora ainda muito jovem, ganhou uma bolsa concorrendo com grandes compositores. "Era dinheiro suficiente para comprar um apartamento e ele foi para Paris ter aulas com Olivier Messiaen e Nadia Boulanger, ambos de fama internacional", conta a pianista Adriana Lopes.

De volta ao País, compôs em 1974 o primeiro volume de "Cartas Celestes", que hoje conta com 14 volumes e é considerada sua obra mais importante, inclusive pelo compositor. Ele foi instigado por um convite do Planetário do Ibirapuera, cujos astrônomos queriam uma música de fundo para a observação de um acontecimento especial no céu. "Almeida Prado criou um acorde para cada planeta; no momento de interseção de dois planetas, colocava dois acordes... Aquilo acabou numa linguagem nova. Intuitivamente, ele criou um sistema de estudo das ressonâncias do piano", observa Adriana. O Instituto de Artes guarda um memorial do compositor e o Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) preserva suas partituras e está catalogando sua obra. Ao realizar sua pesquisa, Adriana Lopes observou que a obra de Almeida Prado era comumente dividida em sete fases. "A de Beethoven é dividida em três fases. Achei sete um exagero, mesmo considerando a diversificação do século 20.

A pesquisadora dividiu a obra em três fases, acrescentando uma quarta a pedido do próprio Almeida Prado. A primeira corresponde ao estudo do folclore com Camargo Guarnieri, sob a estética de Mário de Andrade, resgatando a brasilidade com temas na sua maioria nordestinos. A segunda fase surge quando se senta com Gilberto Mendes para ouvir Schoenberg, Stockhausen, Messiaen, Stravinsky, e parte para a França a fim de descobrir algo que não conhecia em além-mar.

A terceira e quarta fases, de volta ao Brasil, têm várias tendências que correm paralelamente: astrológica, ecológica, brasileira, mística e livre. Na quarta, que se chamou de pós-moderna, acontece uma auto-releitura e uma mesclagem das diversas tendências dentro de uma mesma obra, que se inicia com os "Poesilúdios".



No centro da página, parte da pintura "Retângulo azul", de Bernardo Caro, que inspirou o Poesilúdio 2; à esquerda, "Noites de Solesmes", de Geraldo Porto, no Poesilúdio 11; acima, o próprio Almeida Prado é retratado por Berenice Toledo em 1985, obra que resultou no Poesilúdio 4.

CONTATO

adrimauricio@dglnet.com.br